RB182,563

Presented to the

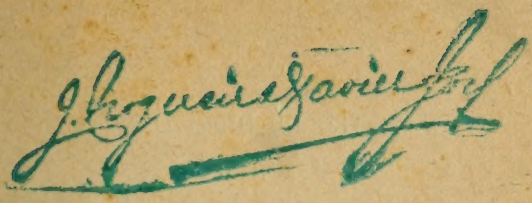
LIBRARY *of the*

UNIVERSITY OF TORONTO

by

Professor

Ralph G. Stanton



SANTA INQUISIÇÃO

Peça em quatro actos e um quadro,
representada com grande successo pela primeira vez, em Portugal,
no Theatro D. Amelia de Lisboa, em 17 de março de 1910,
e, em Hespanha, no Theatro Apollo de Barcelona,
em 5 de dezembro de 1914

Theatro de Julio Dantas

O que morreu de amor (1899) — 4.ª edição.
Viriato Tragico (1900) — 2.ª edição, no prélo.
A Sevéra (1901) — 3.ª edição.
O Caminheiro (1901).
Crucificados (1902) — 2.ª edição.
A Ceia dos Cardeaes (1902) — 21.ª edição.
D. Beltrão de Figueirôa (1902) — 3.ª edição.
Paço de Veiros (1903) — 2.ª edição.
Um serão nas Laranjeiras (1904) — 2.ª edição, ilustrada.
Rei Lear (1905).
Rosas de todo o anno (1907) — 6.ª edição.
Mater Dolorosa (1908) — 2.ª edição.
Auto de El-Rei Seleuco (1908).
Santa Inquisição (1910) — 2.ª edição.
O Primeiro Beijo (1911) — 3.ª edição.
D. Ramon de Capichuela (1912).
O Reposteiro Verde — (1912).
1023 — (1914).
Sóror Mariana (1915) — 2.ª edição.

JULIO DANTAS

Socio effectivo da Academia das Sciencias de Lisbôa
Da Academia Brazileira

Santa Inquisição

PEÇA EM 4 ACTOS E 1 QUADRO

2.ª EDIÇÃO

LISBOA
LIVRARIA CLÁSSICA EDITORA
DE A. M. TEIXEIRA
PRAÇA DOS RESTAURADORES, 17

1917

LIVRARIA CASTILHO
RUA, R. S. JOSÉ, 116
RIO DE JANEIRO

Reservados todos os direitos de reprodução em Portugal, conforme preceituam as disposições do *Codigo Civil Portuguez;* no Brazil, nos termos do convenio de 9 de setembro de 1889 e lei n.º 2:577 de 17 de janeiro de 1912, e nos paizes convencionados em harmonia com a Convenção de Berne, a que Portugal adheriu por decreto de 18 de março de 1911.

PORTO — Imprensa Portugueza

Rua Formosa, 112

A estreia da Santa Inquisição *no antigo Theatro D. Amelia, de Lisboa, na epoca de 1909-1910, constituiu um dos maiores exitos publicos d'aquelle Theatro. Esta peça, como quasi todo o theatro de Julio Dantas, é muito conhecida em Hespanha, onde foi representada pela primeira vez, em 5 de dezembro de 1914, pela companhia do ilustre actor Rojas, no Theatro Apollo de Barcelona. Desempenharam então os principaes papeis os actores srs. Perelló* (Cardeal Inquisidor), *Rojas* (Micer Antonio Gaspar), *Rubio* (Mossem Judas Navarro), *sr.ª Caparó* (Isabel Conti), *sr.ª Gasso* (a Bruxa). *O scenario, de grande efeito, foi pintado pela casa* Magdalena. *A peça obteve um exito notavel. "Durant tots els actes, l'interès ha auat creixent è a cada acabament l'ovació més entusiasta esclatava„* (Poble Catala *6 de dezembro, 1914). "El drama, que dejò profundamente emocionado al auditorio, obtuvo un exito ruidoso„* (El Progresso, *7 de dezembro). "La nueva produccio del autor de* La cena de los Cardenales *conmovió hondamente al público y logró adueñarse del espiritu del espetador de forma tal, que cada escena, cada parlamento, fué objeto de un murmullo de aprobacion„* (El Liberal, *6 de dezembro). A versão castelhana do sr. Ribera y Rovira foi impressa em 1915 pela Biblioteca "Teatro Mundial„, de Barcelona.*

OS EDITORES.

Digitized by the Internet Archive
in 2009 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/santainquisi00dant

FIGURAS

CARDEAL INQUISIDOR GERAL . . .	AUGUSTO ROSA
MICER ANTONIO GASPAR, *mercador* .	ALEXANDRE AZEVEDO
FREI MARCOS, *dominicano*	JOÃO SILVA
D. JOÃO	CARLOS D'OLIVEIRA
RUY, *escolar de Coimbra*	HENRIQUE ALVES
MOSSEM JUDAS NAVARRO, *joalheiro do Rei, christão novo*	JOSÉ RICARDO
FREI PLACIDO DE JESUS, *franciscano.*	RAPHAEL MARQUES
CURVO SEMMEDO, *familiar do Santo Officio, medico da camara do Rei* .	ANTONIO PINHEIRO
BRASCHI-ONESTI, *gentil-homem da Nunciatura*	ANTONIO SARMENTO
DON BRISCO, *titereiro hespanhol* . . .	CHABY PINHEIRO
O ESTALAJADEIRO	RAPHAEL MARQUES
O NOTARIO	LOPO PIMENTEL
O LITEIREIRO	FRANCISCO SENNA
FREI PROMOTOR, *dominicano* . . .	ANTONIO SARMENTO
FREI PROCURADOR, *bento*	FRANCISCO SENNA
O MORDOMO	MANOEL PINA
MULATO, *estribeiro*	ANTONIO MONTENEGRO
BELCHIOR, *creado*	MANOEL PINA
O FILHO, *creança de seis annos* . . .	GUILHERMINA
A FILHA, *creança de quatro annos* . .	N. N.
ISABEL CONTI, *mulher de* MICER ANTONIO.	ANGELA PINTO
A BRUXA	JESUINA SARAIVA
A FLAMENGA, *rameira*	LUZ VELOSO
ROSAL, *idem*	JULIA D'ASSUMPÇÃO
IGNEZ, *aia*	ELVIRA COSTA
DOROTHÉA, *creada*	ALEXANDRINA QUADRIO
RACHEL, *idem*	N. N.
SILVIA, *bailarina italiana*	MARGARIDA GOMES
LORENZA, *idem*	LEONOR FARIA
LA GIOCONDA, *idem*	EMILIA SARMENTO

Inquisidores, deputados do Santo Officio, familiares, quadrilheiros, meirinhos, porteiros, frades de S. Domingos, alabardeiros, suissos, musicos, titereiros hespanhoes, mendigos, franciscanos pedintes, povo.

EM PORTUGAL, NO SÉCULO XVII

PRIMEIRO ACTO

PRIMEIRO ACTO

Em casa de MICER ANTONIO GASPAR, *mercador rico do século* XVII. — *Aposento servindo de guarda-roupa e de oratorio. — Á E. alta e baixa, portas praticaveis. — Á D., duas janellas de rótulas com postigos. Entre as janellas, o oratorio: tryptico enorme, flamengo, em talha e pintura; um crucifixo; lampada de prata, accesa. Em frente, banco de resar, com a sua almofada de damasco vermelho. — A meio, um cravo pequeno ou espineta de xarão; tamboretes. — Ao F., porta larga dando para a alcova: leito de columnas, ao gosto hollandez; perto, um berço; ao alto, lampada. — Armarios. — Noite.*

ISABEL, *em roupas, ajoelhada no banco do oratorio, tem nos braços um pequeno de cinco annos, muito risonho, apenas envolvido n'uma camisinha ligeira. — Na alcova,* INEZ *embala o berço, onde se entrevê, muito loira, outra creança dormindo.*

ISABEL, *ensinando o* FILHO *a resar*

Não nos deixeis, Senhor, cahir em tentação...

O FILHO, *repetindo, na sua vozinha infantil*

Não nos deixeis, Senhor, cahir em tentação.

ISABEL

Livrae-nos de todo o mal.

O FILHO

Livrae-nos de todo o mal.

ISABEL

Amen, Jesus.

O FILHO

Amen, Jesus.

ISABEL

Põe as mãosinhas, anda. — Pede a Nosso Senhor. *(Juntando-lhe as mãos)* Que o pae seja sempre muito amigo da mãe...

O FILHO, *repetindo, n'um sorriso*

Muito amigo da mãe.

ISABEL

Que Deus ampare a nossa casa com a sua misericordia.

O FILHO

Misericordia.

ISABEL

E nos livre das perseguições dos nossos inimigos.

O FILHO

Dos nossos inimigos.

ISABEL, *beijando-o e apertando-o ao peito*

Meu amor! meu thesouro! minha vida! —Se tu soubesses como a mãe é feliz!

A FILHA, *chamando, da alcôva, n'uma voz mais infantil ainda*

Mãe!

ISABEL

Que é, meu amor?

INEZ, *da alcôva*

Minha ama, é a menina que não dorme com o sentido no irmãosinho.

ISABEL

Já vou, minha joia. — O mano já vae. (*ao* FILHO) Vamo-nos deitar, sim?

O FILHO

Quero esperar pelo pae.

ISABEL, *sentando-se no banco que está junto do cravo, com o* FILHO *nos joelhos*

Não tens somno?

O FILHO

Toca, mãe.

ISABEL

É muito de noite, minha vida. — Acorda os passarinhos que estão a dormir.

O FILHO

Porque é que o pae não vem?

ISABEL

O pae já vem. Está na côrte, com os mercadores que chegaram da Hollanda.

O FILHO

Que está elle a fazer?

ISABEL

Está a ganhar dinheiro para a mãe, para ti e para a tua irmãsinha. *(O* FILHO *bate com as mãos sobre o téclado)* Não é assim, meu amor. — As mãosinhas põem-se assim, vês? — As tuas não chegam, são muito pequeninas... *(tocando)* É assim.

IGNEZ, *vindo do F., pé ante pé, emquanto* ISABEL, *com o* FILHO *no regaço, toca no cravo um preludio de Bach*

Minha ama, a menina já dorme.

ISABEL, *n'um sorriso, deixando de tocar e mostrando o* FILHO

Adormeceu.

IGNEZ

Benza-o a Virgem.

ISABEL

Tome-o lá. *(Ouvem-se as esquillas d'uma liteira)* Espére. — Parece que é já a liteira.

(IGNEZ *corre á janella)* Não abra as rótulas. Veja ao postigo.

IGNEZ, *olhando para fóra*

É o meu amo. — Conheço as guizeiras dos machos.

ISABEL, *com estranheza*

Tão cedo hoje! — E tão depressa! *(Dando o* FILHO *a* IGNEZ) Tome o menino. *(Correndo á janella)* Parou. *(Abrindo as rótulas)* Entrou já. *(Correndo á porta da E. alta)* Antonio!

ANTONIO, *cuja voz se ouve, fóra*

Belchior! — Dorothéa! — Depressa! — As azemolas! As duas liteiras! — Todos os machos para mudas!

ISABEL

Antonio! Que foi?

ANTONIO, *entrando pela E. alta*

Minha Isabel, coragem!

ISABEL

Vens tão pallido! — Que tens tu? — Que aconteceu?

ANTONIO

Temos de sahir já d'esta casa. — Chama as creadas. Entrouxa as roupas, as pratas, as joias. — Não ha tempo a perder.

ISABEL

Meu Deus! — E os nossos filhos?

ANTONIO

Vão comnosco. — Embrulham-se em mantas.

ISABEL, *chamando*

Ama! — Dorothéa! — Rachel! *(a* ANTONIO) Mas para quê? Uma jornada a estas horas da noite! — Antonio! Que vamos nós fazer?

ANTONIO

Fugir!

ISABEL

Fugir? *(Precipitando-se para a alcôva)* Filhos da minha alma!

IGNEZ, *que tem deitado o pequeno no leito, ampára* ISABEL *nos braços*

Minha ama!

ANTONIO, *a* BELCHIOR, *creado velho que entra, trazendo pratas e roupas*

Arcas, bahús, saccos da ração do gado! — Depréssa!

DOROTHÉA, *entrando com* RACHEL *pela E. baixa*

Senhor Deus, valei-nos!

ANTONIO, *para* BELCHIOR, *que vae a sahir*

Emquanto não sahimos, aferrolha os portões, tranca as janellas e apérra as clavinas, — para o que dér e vier!

ISABEL

Que mal fizémos nós para fugir assim, Antonio!

ANTONIO, *ás* CREADAS, *emquanto atafulha uma arca*

Essas pratas! Depressa! *(a* ISABEL) Não ha tempo para lagrimas. Não me perguntes mais nada. — As tuas joias!

ISABEL

As minhas joias?

ANTONIO, *a* BELCHIOR, *que volta trazendo um bahú de couro pregado*

Leva! — Carréga os machos! — Mas dentro do pateo! — Ninguem sáe sem nós!

IGNEZ, *apontando a* ISABEL *as creanças que dormem*

Estão a dormir tão bem!

ANTONIO, *ajudando* BELCHIOR *a carregar uma arca*

Os liteireiros são de confiança?

BELCHIOR

São, micer Antonio.

ANTONIO

Um d'elles que se vá embuscar no ferregeal, na volta da estrada. Ao menor ruido do lado de Lisbôa, corra a prevenir-me.

ISABEL, *que tira um cofresinho de prata de dentro de um armario hollandez*

Antonio! — Nós fugimos da justiça?

ANTONIO, *carregando um bahú*

Não.

Ouve-se, fóra, correr os ferrolhos do portão.

ISABEL

Tu escondes-me a verdade.—Estas joias queimam-me as mãos.—Antonio, nós roubámos!

ANTONIO

Isabel! Tu enlouqueceste!

ISABEL

Pela vida dos nossos filhos?

ANTONIO

Antes tivessemos roubado! *(Uma das* CREADAS *desprende a lampada de prata do oratorio)* As lampadas!—Depressa!—Aquella roupa!

ISABEL, *pondo o cofre das joias sobre o oratorio*

Então, se estamos innocentes, de quem fugimos nós?

ANTONIO

De Deus!

ISABEL

Que mal fizemos nós a Deus?—Fugir para onde? Não temos familia, não temos amigos em Portugal!

ANTONIO

Atravèssamos a Hespanha,—e, já a salvo, ganharemos a Hollanda. *(A* BELCHIOR, *que traz duas clavinas)* Estão aperradas?—Bem. *(Sobraçando um capotão de dozêno)* O ferragoulo! *(Ás* CREADAS) Carreguem tudo. *(A* ISABEL) Vamos. Encapuza o rebuço. Traze as creanças.

ISABEL, *n'uma supplica*

Antonio!—Não tenho força para deixar esta casa!—Eu fui tão feliz aqui, Antonio! Foi aqui que nasceram os nossos filhos! Tudo isto está cheio do nosso amor! *(Ajoelhando)* Supplico-te! Por piedade!—Não me leves!

ANTONIO, *terminante*

Se fico, estou morto.—Escolhe.

ISABEL

Morto?

ANTONIO

Desde manhã que me perséguem.

ISABEL

A ti?

ANTONIO

A mim.

ISABEL

Quem?

ANTONIO

A Inquisição.

ISABEL, *n'um grito*

Virgem Santissima!

ANTONIO, *apurando o ouvido*

Escuta.

ISABEL, *desvairada, correndo á alvóva*

Filhos! Meus filhos!

ANTONIO

Cala-te! *(Approximando-se das janellas)* Parecem vozes.

IGNEZ

É o vento nos pinheiros.

ANTONIO, *ás* CREADAS *que conduzem um bahú de couro*

Dorothéa! — Não saiam. — Ouvi vozes, distinctamente.

BELCHIOR, *entrando pela E. alta*

Micer Antonio!

ANTONIO

Belchior! — É alguem?

BELCHIOR

O liteireiro entrou. — Diz que vem gente.

ANTONIO

Que gente?

BELCHIOR

Não sei.

ANTONIO

Chama-o aqui. *(Ás* CREADAS) Fechem os postigos. Diminúam as luzes. (*Ao* LITEIREIRO, *que entra pela E. alta)* Leonardo! — Que foi?

LITEIREIRO, *rolando o chapeu nas mãos*

Micer Antonio... — É um frade com uma lanterna, e uns homens de negro. — Apearam-se dos machos, na volta da estrada. Parece que veem para cá.

ANTONIO, *com desespero*

Malditos! Caminharam depressa!

ISABEL

Meu Deus!

IGNEZ

Santo breve da marca!

DOROTHÉA, *transida, junto a* RACHEL, *que chora*

Misericordia, Senhor!

ANTONIO, *ás* CREADAS

Silencio! Fóra d'aqui! *(Ao* LITEIREIRO) Quantos são elles?

LITEIREIRO

Para mais de seis, micer Antonio.

ANTONIO, *tomando uma das clavinas, ao* LITEIREIRO

Tens bôa vista, mão firme? *(Entregando-l'ha)* Tóma. *(A* BELCHIOR, *que lança mão d'um arcabuz)* Belchior, apérra o teu arcabuz.

BELCHIOR, *espreitando dos postigos*

Veem para cá. — É um frade de S. Domingos. — Parecem a modo de quadrilheiros da Santa Inquisição... *(Ouve-se, fóra, bater uma pesada aldraba de bronze)* São elles.

DOROTHÉA *e* RACHEL, *na porta da E. baixa*

Virgem Santa!

ISABEL

Olha os nossos filhinhos... Tem prudencia. — Como vaes tu recebel-os, Antonio?

ANTONIO, *agarrando uma clavina*

Com todas as honras. — A tiro!

ISABEL, *correndo para diante da janella, n'um grito*

Não! — Tu desgraças-te. — Não!

ANTONIO, *querendo arredal-a, violentamente*

Arréda d'ahi, mulher!

ISABEL

Matas os nossos filhos, Antonio! — Repára... É o Santo Tribunal!

LITEIREIRO, *pousando a arma sobre a espineta de xarão*

Sobre a Santa Inquisição não atiro, micer Antonio.

ANTONIO

ndo á janella) Pois atiro
Santo breve da mai

ISABEL, *arrebatando o* FILHO *áos braços de* IGNEZ, *e correndo para diante das rótulas*

O teu filhinho! — Tem piedade d'elle, ao menos!

O FILHO, *chorando*

Pae!

IGNEZ

Meu amo!

BELCHIOR, *travando do braço de* ANTONIO

Micer Antonio!

ANTONIO, *deixando-se cahir sobre o banco do oratorio*

Mataste-me, meu filho. — Está tudo acabado. *(A* BELCHIOR, *quando a aldraba sôa novamente)* Manda entrar os corvos!

BELCHIOR, *levantando a rótula da janella da D. alta e debruçando-se*

Quem vem?

UMA VOZ, *fóra*

Da parte da Santa Inquisição.

ANTONIO, *n'uma lagrima, abraçando* ISABEL *quando* BELCHIOR *e o* LITEIREIRO *sahem para abrir*

Isabel! — Meu filho! — Adeus.

ISABEL

Não! Não pode ser, Antonio! É engano. Verás que é engano. — Nós estamos innocentes. Não fizemos mal a ninguem. Não offendemos a Deus. — Verás que não é a ti que elles procuram, que não é o teu nome que elles dizem...

Entram, pela E. alta, os ministros da Inquisição. Á frente, FREI MARCOS, *dominicano osseo, herculeo, enorme, cogulado de um capuz escuro: em seguida, o* NOTARIO, *de loba e oculos verdes, redondos: dois* FAMILIARES *do Santo Officio, com immensos chapeus hollandezes, capas negras, gollas brancas derrubadas: seis quadrilheiros com chuços e saltimbarcas: por fim, um leigo de S. Domingos, tropego, com uma lanterna na mão. — Um momento de silencio.*

FREI MARCOS, *n'uma voz dura e nitida, encarando* ANTONIO

Micer Antonio Gaspar.

ISABEL, *n'um grito estrangulado*

Ah!

DOROTHÉA *e* RACHEL *desapparecem;* BELCHIOR *e o* LITEIREIRO *não voltam*

ANTONIO, *com nobreza, medindo o* FRADE

Sou eu.

NOTARIO, *lendo um papel*

Mercador que foi na Hollanda e é agora n'este reino e côrte. — De trinta annos. Casado.

ANTONIO

O que quer de mim a Santa Inquisição?

FREI MARCOS, *tirando o papel das mãos do* NOTARIO *e apresentando-o ao mercador*

Assigne.

ANTONIO, *lendo*

Preso á ordem do Eminentissimo Cardeal Inquisidor-Geral...

ISABEL, *cahindo de joelhos diante do oratorio*

Piedade, meu Deus!

ANTONIO

Mas preso porquê? Qual é o meu crime? De que me accusam?

FREI MARCOS

Sabel-o-ha no carcere, quando o frade Promotor lêr o seu libello.

ANTONIO

É-me permittida a contestação?

FREI MARCOS

Nos termos que entender de sua justiça.

ANTONIO, *assignando, com o cálamo do* NOTARIO

Estou ás ordens do Santo Tribunal.

ISABEL, *precipitando-se*

Não! — Hão de matar-me para te levarem!

ANTONIO

Larga-me, mulher! *(Apontando o oratorio)* Se aquelle Deus não é um Deus iníquo, — voltarei. — Deixo nas tuas mãos tudo quanto me resta no mundo: a minha honra e os meus filhos. — Guarda-os bem. *(N'um soluço, sem olhar as creanças)* Filhos da minha alma! *(Com energia, a* FREI MARCOS) Frade, vamos!

ISABEL, *querendo seguir* ANTONIO, *que sáe pela E. alta com tres quadrilheiros*

Antonio! (FREI MARCOS *interpõe-se, detendo-a n'um gesto;* ISABEL *cáe sobre o banco do oratorio, n'uma profunda expressão de dôr)* O que vae ser de mim!

1.º FAMILIAR, *baixo, a* FREI MARCOS

Levamos o creado e os liteireiros?

FREI MARCOS, *baixo*

Carregados de ferros.

2.º FAMILIAR, *ao* FRADE, *a meia voz, indicando* ISABEL

E a mulher?

FREI MARCOS

Fica á minha conta.

Os FAMILIARES *sáhem pela E. alta, seguidos do leigo portador da lanterna.*

FREI MARCOS, *a* ISABEL, *passado um momento*

O seu nome?

ISABEL, *defendendo o* FILHO *e a* FILHA, *que* IGNEZ, *cheia de pavor, colloca sobre a almofada de damasco vermelho*

Filhos do meu coração!

FREI MARCOS, *insistindo e approximando-se*

O seu nome?

ISABEL

Levaram-me o marido! Que mais querem de mim?

FREI MARCOS, *mais perto*

O seu nome?

ISABEL, *estremecendo*

Isabel.

NOTARIO, *que se instalou, a escrever, sobre o cravo de xarão*

Só?

ISABEL

Isabel Conti.

FREI MARCOS

Italiana?

ISABEL

Creada em Portugal. — Deixem-me, por compaixão.

NOTARIO, *cujo cálamo arranha sobre o papel*

Amancebada com micer Antonio Gaspar?

ISABEL, *n'uma subita revolta*

Á face de Deus! — Mulher d'elle.

FREI MARCOS

Quantos filhos tem?

ISABEL

Dois.

IGNEZ, *n'uma profunda expressão de terror, atravessa a scena e sáe pela E. alta*

NOTARIO, *escrevendo, impassivel*

De seu marido, ou d'outro homem?

ISABEL

Covardes! — Tambem é em nome de Deus que insultam uma mulher?

FREI MARCOS, *vendo a clavina que está sobre o tampo da espineta*

Foi seu marido que aperrou esta clavina?

ISABEL

Fóra da porta! — Não teem nada mais que fazer aqui! — *(chamando)* Ignez! — Dorothéa!

FREI MARCOS, *insistindo*

Foi seu marido?

ISABEL

Não sei.

FREI MARCOS, *concluindo*

Foi seu marido.

ISABEL

Por misericordia, deixem-me!

FREI MARCOS

Para nos fuzilar das janellas.

ISABEL

Não sei, não sei. *(Chamando, de novo, cheia de terror)* Ignez! — As minhas creadas?

FREI MARCOS

Inutil chamal-as. Fugiram.

ISABEL

Não! Não pode ser! — Ignez! *(Dolorosamente)* Desamparam-me todos!

FREI MARCOS, *ao* NOTARIO, *quando os quadrilheiros trazem uma arca*

Pode começar o arrolamento dos bens.

NOTARIO, *a* FREI MARCOS

Ha lá em baixo mais seis bahús de couro pregado, carregados em azemolas.

FREI MARCOS, *aos quadrilheiros*

Façam-lhes saltar os ferrolhos. — Revolvam tudo.

ISABEL, *vendo os quadrilheiros revolvêr a arca*

Mas...

FREI MARCOS, *a* ISABEL

Onde estão as pratas e as joias que seu marido trouxe de Hamburgo e da Hollanda?

ISABEL

Mas que é isto?

FREI MARCOS

Estão n'aquelle armario?

ISABEL

Roubam-me o marido e veem devassar-me a casa?

NOTARIO

Estão n'esta arca. *(Aos quadrilheiros)* Para esta banda tudo quanto fôrem pratas.

ISABEL

Não! — Estes bens são de meu marido, são dos meus filhos! Não consinto que lhes toquem!

FREI MARCOS

Os bens de seu marido pertencem desde hoje á Inquisição.

ISABEL

Quê? Os meus bens?

FREI MARCOS

Sequestrados.

ISABEL, *instinctivamente, avançando a mão para o cofre que está sobre o oratorio*

As minhas joias!

FREI MARCOS, *detendo-a n'um gesto*

Tudo.

ISABEL, *n'um olhar allucinado*

A minha casa...?

FREI MARCOS

Selladas as portas com o sello do Santo Officio.

ISABEL

E então eu?

FREI MARCOS

O Santo Tribunal usa de misericordia e concede-lhe a liberdade. — Pode ir em paz.

ISABEL

Mas para que quero eu a liberdade, se vou morrer de fome?

NOTARIO, *inventariando*

Lampadas de prata, — uma.

ISABEL

Então eu hei-de ir pedir esmola, com os meus filhos? Hei-de ir por ahi, a monte com a ninhada, como uma loba? — Á fome! Ao frio! *(Com horror)* Ah, não! *(Supplicando)* Tenham piedade d'estas creanças! Tenham dó de mim! — Ao menos as minhas joias... Deixem-me levar alguma coisa... É o pão dos meus filhos! *(Esboçando um movimento para o cofre de prata que está sobre o oratorio)* Só as minhas joias!

NOTARIO

Gomís de prata, — dois.

FREI MARCOS, *cuja face se approxima da face de* ISABEL, *a meia voz, a mão em garra sobre o cofre*

Um sorriso, — e são tuas.

ISABEL, *com repugnancia e horror*

Ah, miseravel! — *(Arrastando as creanças)* Filhos! Esta casa já não é nossa. Roubaram-nos tudo. Já não temos nada que fazer aqui. *(A* FREI MARCOS, *que a olha, impassivel)* Mas em nome de que tribunal vens tu? Que Deus é o teu? Onde está esse Deus que

manda roubar, frade? Que é d'esse Deus de ignomínia, que vive de sangue e de pilhagem? *(Apontando o oratorio)* Se é aquelle, eu o amaldiçôo e renégo de toda a minha alma! Se é outro, seja maldito quem o inventou! *(Recuando, para o* FRADE*)* Maldito o habito que tu vestes! *(Sahindo, com os filhos, pela E. alta, n'uma imprecação, a face convulsa, as mãos crispadas para* FREI MARCOS*)* Maldito! — Maldito!

NOTARIO, *a* FREI MARCOS, *n'um movimento para* ISABEL

Frei Marcos...

FREI MARCOS, *tranquillamente, encolhendo os hombros*

Continue o inventario.

Cae o panno

SEGUNDO ACTO

SEGUNDO ACTO

O pateo d'uma estalagem portugueza do século XVII. — *Ao F., estrada: longes de paisagem ribatejana. — Á D., casa velha: varanda de gelosías, praticavel; painel de azulejos; duas portas alpendradas, com degráus; poiaes de tijollo. — Á E., estrebaría: uma só porta; poial; argolões de ferro em cunhaes de pedra; fardos de palha. — Na estrada, meio encoberto pelas cavallariças, um côche ou estufa espanhola de viagem, empoeirado, de que se vêem as estribeiras, o jogo trazeiro e as portas, armoriadas de uma cruz florída de prata em campo vermelho. — Poial, a meio da scena. — Dia claro.*

D. JOÃO, *vestido de preto, como o Filippe* IV *de Velasquez, desce do côche, cuja porta é aberta por um estribeiro mulato. — Na estalagem ouvem-se violas, vozes de mulher. — Sentada no poial da E. baixa, uma velha judia, typo de bruxa, embrulhada nos restos d'um chióte de burél, reza n'umas contas.*

D. JOÃO, *falando para o cocheiro e sotta-cocheiro, que se não vêem*

Vê esses cavallos! — Esses correões! *(Batendo as palmas)* Ó da estalagem!

ESTALAJADEIRO, *surgindo da D. alta e derrubando o sombreiro*

Fidalgo!

D. JOÃO

Pousada. — Ração para o gado. — Depressa!

ESTALAJADEIRO, *correndo á porta da E. e falando para fóra*

Eh, Braz! — Recolhe os cavallos d'esse côche!

D. JOÃO

Quantas léguas até Lisboa?

ESTALAJADEIRO

Dez, fidalgo. *(Para dentro da cavallariça)* Leva as mantas e os cabrêstos. *(Arredando a* BRUXA, *que desapparece pelo F., e sahindo pela E.)* Tir'-te, bruxa!

D. JOÃO, *ao* MULATO, *que o segue com a espada e a capa*

Dá-me a espada. *(Metendo-a nas braçadeiras de couro do talabarte)* Vê quem canta, ali dentro.

RUY, *de dentro da estalagem, chamando*

Ó da estalagem!

ESTALAJADEIRO, *de dentro da cavallariça*

Ahi vae!

MULATO

São rameiras, senhor D. João.

D. JOÃO, *á porta da E., falando para fóra*

Olha esses cornozellos. — O urco da mão vem desferrado. — Amanta-os bem.

RUY, *apparecendo na porta da D. baixa*

Então que é dos hespanhoes? Que é dos titeres? Onde está essa gente?

ESTALAJADEIRO, *ainda de fóra*

Lá vae, fidalgo!

RUY, *atirando uma moeda, que vae cahir aos pés de* D. JOÃO

Uma pataca de prata, — e traze-m'os depressa!

D. JOÃO, *voltando-se e levando a mão á espada*

Eh, lá! — Mais cortezia!

RUY, *reconhecendo-o e descendo, de braços abertos*

João!

D. JOÃO

Ruy!

Abraçam-se. — O ESTALAJADEIRO *atravessa a scena e sáe pelo F.*

RUY

Tu aqui!

D. JOÃO

De passagem.

RUY

D'onde vens?

D. JOÃO

Hespanha, Italia. — Correr mundo.

RUY

Vaes para a côrte?

D. JOÃO

Morreu meu pae.

RUY, *com alegria*

Estás rico!

D. JOÃO

E tu?

RUY

Para Coimbra.

D. JOÃO

Estudar leis?

RUY

Lêr cánones.

D. JOÃO, *sorrindo*

Divértes-te?

RUY, *apontando á D.*

Um Balthazar.

D. JOÃO

Mulheres?

RUY

Três. — Chegam para os dois.

D. JOÃO

Obrigado.

RUY, *querendo conduzil-o*

Entra.

D. JOÃO

Vae tu. Logo falamos.

RUY

Vem vêr as mulheres.

D. JOÃO, *olhando a estrebaría*

Fico a vêr os cavallos.

RUY

Vale a pena. — Ha uma flamenga.

D. JOÃO

Não me interessa. É caça morta.

RUY

Preféres caça viva?

D. JOÃO

A que dá trabalho a matar.

RUY

D. Juan Tenorio! — A tua lista?

D. JOÃO

Só na jornada, vinte e duas!

RUY

Palavra d'honra?

D. JOÃO

Por esta cruz. — Oito casadas e duas freiras.

RUY

Que tu seduziste?

D. JOÃO

E que abandonei.

RUY

Uma flôr que se colhe...

D. JOÃO

Uma flôr que se mata.

RUY

Mas como abriste tanta alcôva?

D JOÃO

Com um sorriso.

RUY

Quando o sorriso não bastava?

D. JOÃO

Com a bolsa.

RUY

Se não bastava a bolsa?

D. JOÃO, *batendo na taça de ferro da espada*

Com a espada! — Mas a bolsa basta sempre. Não ha mulher que não succumba ao dinheiro.

RUY

Nem todas.

D. JOÃO

As que não cahem por tres florins d'oiro, cahem por trinta.

RUY

E as que não cahem por trinta?

D. JOÃO

São as que já cahiram por tres.

RUY

Não crês na virtude da mulher?

D. JOÃO

Creio nas mulheres de virtude.

RUY

Nunca nenhuma te resistiu?

D. JOÃO

Uma só.

RUY, *com ironia*

A rainha de Hespanha?

D. JOÃO, *sorrindo*

Essa — não me resistiria.

RUY

Diana caçadora?

D. JOÃO

Uma rapariga italiana.

RUY

Em Roma?

D. JOÃO

Em Portugal.

RUY

Ha muito tempo?

D. JOÃO

Ha seis annos.

RUY

Que tu amavas?

D. JOÃO

Que hoje odeio.

RUY

Metteu-se freira?

D. JOÃO

Casou.

RUY

Casou?

D. JOÃO

Casou. — E partiu para a Hollanda. — Foi por causa d'ella que eu sahi de Portugal.

RUY

Para a seguir?

D. JOÃO

Para a esquecer.

RUY

Soffreste!

D. JOÃO

Soffreu o meu orgulho.

RUY

Já vês que para essa não bastou a bolsa!

D. JOÃO

Ha de bastar um dia! — É sempre tempo. — As mulheres são como as joias: parecem mais bellas quando mudam de dono. — Espero a minha vez.

RUY

Quê? Se tornasses a vêl-a...

D. JOÃO

Vingava-me.

RUY

Não te merece respeito, a honra d'uma mulher?

D. JOÃO

O respeito que me merece uma flôr: colho-a — e passo.

RUY, *com sentimento*

Bem se vê que não tens irmãs, João!

D. JOÃO

Se as tivesse, matava-as. Para ninguem lhes fazer o que eu faço ás outras. *(Estendendo-lhe a mão)* Vae á tua caça, — e bom appetite!

RUY

Anda commigo.

D. JOÃO

E os cavallos?

ROSAL, *cuja voz se ouve, fóra, cantando, acompanhada de pandeiro*

Madre, unos ojuelos vi,
Verdes, alegres e bellos:
Ay, que me muero por ellos
Y ellos se burlan de mi!

RUY, *a mão sobre o hombro de* D. JOÃO, *apontando para o interior da estalagem*

Aquella é sevilhana. A que está cantando.

ESTALAJADEIRO, *tornando a apparecer, ao F., e falando para uma figura que não se vê*

Não dou pousada sem dinheiro. — Vá com Deus, mulher. *(Gritando, do F., para* RUY) Fidalgo! — Os titereiros já ahi veem!

RUY, *voltando-se*

Trazem os fantoches?

ESTALAJADEIRO

Só por uma pataca de prata, dizem que não armam o theatro!

D. JOÃO, *atirando uma moeda de prata*

Pois que o armem por duas! *(Ao* MULATO*)* A minha capa! *(Ao* ESTALAJADEIRO, *que desce)* Que se come?

ESTALAJADEIRO

Pombos doirados, perús de salsa real, fricassé á romana, galinhas com cidrão, picatostes, olhos de chicória recheados, tijellada mourisca...

RUY

Dá-nos, por cima, a sevilhana!

D. JOÃO, *pondo a capa e sahindo com* RUY, *pela D.*

E venha um frade, — para a Extrema-Uncção!

Ouvem-se risos, tinir de escudellas de cobre, vozes de mulher, pandeiros, violas. — A BRUXA *tem voltado a sentar-se no poial da E., com uma gamella de caldo nas mãos deformadas.*

ESTALAJADEIRO, *á porta da D. baixa, falando para dentro da estalagem*

Rosal! — Serve bem os fidalgos! *(Voltan-*

do-se e vendo ISABEL, *que entra pelo F., a medo, muito pallida, os olhos desvairados, coberta de poeira, encapuzada no rebuço d'um mantéu negro)* Escusa de cá vir, mulher. — Não dou pousada, já lhe disse. — Vá com Deus.

ISABEL

Ao menos, alguma coisa de comer. Um pedaço de pão.

ESTALAJADEIRO

E dinheiro?

ISABEL

Não tenho.

ESTALAJADEIRO, *brutalmente, encaminhando-se para a E.*

Andar!

ISABEL, *n'uma supplica*

Por caridade.

ESTALAJADEIRO

Isto não é portaria.

ISABEL

Por esmola.

ESTALAJADEIRO

O convento de S. Francisco é lá adiante. — Lá é que ha esmola de caldo. — São duas léguas.

ISABEL

Não tenho forças para me arrastar duas léguas.

ESTALAJADEIRO

Aqui, quem não paga, não come.

ISABEL

Eu não peço para mim.

ESTALAJADEIRO

Então para quem é?

ISABEL

Para os meus filhos.

ESTALAJADEIRO

Que é d'elles?

ISABEL

Deixei-os dormindo.

ESTALAJADEIRO

Aonde?

ISABEL

No palheiro, lá em baixo. Quando acordarem, pedem-me pão. E eu não tenho coragem... *(Supplicando, a chorar)* Pelo amor de Deus!

ESTALAJADEIRO

Vá arranjar dinheiro.

ISABEL

Como hei-de eu arranjal-o?

ESTALAJADEIRO

Trabalhe.

ISABEL

Não posso.

ESTALAJADEIRO

Querem as mãos para enfiar pérolas? — Vá roçar matto!

ISABEL

Com dois filhos nos braços?

ESTALAJADEIRO

Então, faça o que fazem as outras. Passam ahi muitos homens na estrada. Metta-se com elles.

ISABEL, *vacillando, com horror*

Meu Deus!

ESTALAJADEIRO

Os viajantes pagam bem. — *(Apontando a estalagem, onde os risos redobram)* Pergunte áquellas que lá estão dentro. — Ganham-se bons dobrões d'oiro, estendida pelos almadráques das liteiras!

ISABEL, *n'uma expressão de dôr profunda, deixando-se cahir sobre o poial do meio da scena*

Dá-me resignação, Virgem Santissima!

MULATO, *ao* ESTALAJADEIRO

Dê-lhe alguma coisa. A mulher tem fome.

ESTALAJADEIRO, *ao* MULATO, *que entra para a estalagem*

Se não as enxoto, não me largam a porta. — São umas cabras! *(A* ISABEL) Bem. —Entre ahi para a cavallariça.

ISABEL

Para mim não quero nada. Com a minha fome posso eu.

ESTALAJADEIRO

Então, quér ou não quér?

ISABEL, *erguendo-se do poial*

É para levar aos meus filhinhos.

ESTALAJADEIRO

E que é do pae? Elles não teem pae?

ISABEL

É como se o não tivessem.

ESTALAJADEIRO

Engeitou-os?

ISABEL

Não.

ESTALAJADEIRO

Fugiu?

ISABEL, *dolorosamente*

Prenderam-n'o.

ESTALAJADEIRO

Ah! Prenderam-n'o?

ISABEL

Tenham dó de mim!

ESTALAJADEIRO

Morte d'homem?

ISABEL

Antes fôsse.

ESTALAJADEIRO

Ladrão? — Que foi que elle roubou?

ISABEL

A mim é que me roubaram.

ESTALAJADEIRO

Quem?

ISABEL

Era rica, feliz. — Devassaram-me a casa, levaram-me o marido, roubaram-me tudo.

ESTALAJADEIRO

A justiça?

ISABEL

A Inquisição.

ESTALAJADEIRO, *recuando, n'um movimento brusco*

A Inquisição?

ISABEL

Só me deixaram os filhos, — para m'os matarem á fome.

ESTALAJADEIRO, *com terror supersticioso, abatendo o sombreiro e olhando fixamente* ISABEL

Tu fôste perseguida pelo Santo Tribunal?

ISABEL

Fui.

ESTALAJADEIRO, *brutal*

De largo! — Fóra da porta!

ISABEL

Tenha compaixão!

ESTALAJADEIRO

Rua d'aqui, cadella tinhosa!

ISABEL

Piedade!

ESTALAJADEIRO

Não te quero debaixo dos meus telhados, péste!

ISABEL, *de joelhos*

Salvem os meus filhos!

ESTALAJADEIRO

Atira-os a um poço. — Quero lá que o Santo Tribunal me suspeite por te albergar! — Rua!

ISABEL

Misericordia!

ESTALAJADEIRO, *fazendo o signal da cruz*

T'arrenégo! — De largo, excommungada!

D. JOÃO, *de dentro da estalagem*

Ó da estalagem!

ESTALAJADEIRO, *a* ISABEL, *n'um gesto de ameaça*

Ainda tu queres pão? — Fogueira! Fogueira!

MULATO, *apparecendo, de novo, na porta da D. alta*

Ó da estalagem!

ESTALAJADEIRO

Ahi vae!

D. JOÃO, *fóra*

Atrélla os urcos ao côche. — Não me demoro.

ESTALAJADEIRO

Prompto, fidalgo. *(A* ISABEL) Rua! — Se torno a vêr-te cá, mando-te açoitar ao alcaide! Leprosa! *(Sahindo pela E. baixa, a gritar)* Eh, Braz! Esses cavallos!

ISABEL, *sobre o poial, soluçando*

Que mal te fiz eu, meu Deus? — Porque me desampáras tu?

A BRUXA, *o chióte em farrapos, encapuzada nos réstos d'um capeirete rôxo, arrastando-se até junto de* ISABEL, *tropega, e offerecendo-lhe a gamella de caldo*

Tome. — Era o que eu havia de comer. — Leve aos seus filhos.

ISABEL, *erguendo-se, n'um grito surdo, ao vêr a* BRUXA

Deus de piedade!

A BRUXA

Não tenha medo de mim. — Não fuja. — Acceite a minha esmola. — Consola-me tanto poder dar uma esmola a alguem!

ISABEL, *recuando, com horror*

Não! Não!

A BRUXA

Eu tambem fui rica e feliz. — Comia em escudellas d'oiro, tinha aias que me vestiam de sêda... Mas, um dia, viéram os frades de S. Domingos... Marcaram uma cruz de sangue na minha porta, levaram-me o marido, sellaram-me a casa...

ISABEL, *olhando-a, afflictivamente*

Ah!

A BRUXA

E eu fugi de noite, pelos campos, com dois filhos nos braços...

ISABEL, *tapando a cara com as mãos*

Senhor!

A BRUXA

Era inverno. Geava. Os lobos vinham á estrada. Eu apertava os meus filhos ao seio... Nem uma gotta de leite! — E morreram-me de frio e de fome.

ISABEL, *indo a precipitar-se para o F., desvairada*

Filhos da minh'alma!

A BRUXA, *detendo-a*

Os teus ainda vivem... — Acceita a minha esmola. *(Põe a gamella sobre o poial)* Se mendigares e não te ouvirem, — rouba. *(Acercando-se de* ISABEL, *em segredo, e apontando o F., á direita)* Os taboleiros do pão sahiram agora do fôrno.

ISABEL, *cujo olhar se illumina, descendo de novo*

Pão!

A BRUXA

Não os deixes morrer como os meus. — Rouba! — Mas nunca mais digas que a In-

quisição te persegue. — Nunca mais. — Cala-te bem calada!

ISABEL, *seguindo uma idéa*

Filhos!

A BRUXA, *perto de* ISABEL, *quasi em segredo*

Aquelles que o Santo Tribunal condemna, são malditos para sempre. Ninguem os quer á porta. Negam-lhes lume e agua. Enxotam-n'os como leprosos. A sua sombra é peçonhenta. — Não, nunca mais o digas. — Rouba, — mas silencio! — Tambem a mim me quebraram os ossos na polé... Vi meu marido, de mitra e samarra, a uivar na fogueira... Céga-me ainda os olhos o clarão das chammas! E calo-me. *(Recuando, com o rosario enleado nos dedos convulsos)* Finjo que réso nas contas, com vontade de as morder, e amaldiçôo-os baixinho, — baixinho... — Cala-te bem calada! *(Desapparecendo, ao F., por detraz do côche, n'um gesto de silencio)* Nunca mais fales na Inquisição... Nunca mais! Nunca mais!

Ouvem-se ao fundo vozes confusas, rumor de povo, musica de tambor, flauta e rabéca

ISABEL, *esboçando um movimento para a gamella que ficou sobre o poial, recuando n'uma expressão de nojo, e sahindo pelo F., no gesto de quem subitamente se decide*

Meus filhos!

ESTALAJADEIRO, *surgindo da porta da estrebaria*

Fidalgos! Ahi veem os titereiros!

VOZES *de mulher, dentro da estalagem*

Los titereros! — Los titereros!

VOZES *do povo, fóra*

Na estalagem! — É na estalagem! — Os titeres! — Venham vêr!

Garotos, mendigos, povo, passam ao F., na estrada, da E. para a D.

RUY, *sahindo da estalagem, pela porta da D. baixa, com um pandeiro na mão e falando para fóra*

Tragam Xerez! — Biscoitos de Génova! — Depréssa! *(Ao* ESTALAJADEIRO) Tu, recebe-os com todas as honras! *(Chamando e atirando uma pequena pedra á varanda de gelosias)* João!

A FLAMENGA, *de dentro da estalagem, chamando*

Señorito! — Señorito! *(Apparecendo na porta da D. alta, vasquinha vermelha, corpete de cigana, garavim de fio d'oiro nos cabellos negros)* Mi pandereta!

RUY, *offerecendo-lh'o, de longe*

Toma!

A FLAMENGA, *atravessando a scena e indo cahir n'um beijo, nos braços de* RUY

Estoy borracha!

ESTALAJADEIRO, *ao F., erguendo os braços e falando para os titereiros, que ainda se não vêem*

Eh, Don Brisco! — Para aqui! — Duas patacas de prata!

VOZES *do povo, nos bastidores*

Viva Don Brisco! — Viva!

A musica de tambor, flauta e rabéca aproxima-se.

D. JOÃO, *debruçado, ao alto, na varanda da D.*

Que é?

RUY

São os titereiros hespanhoes. — Desce.

D. JOÃO

Não posso. *(Indicando* ROSAL, *sevilhana loira, com sinais postiços na face, que surge a seu lado na varanda e cujos braços nús o enlaçam)* Estou em Sevilha! *(Erguendo uma taça de estanho)* Mais vinho!

ROSAL, *atirando a taça fóra e beijando-o*

Echa la copa y toma mi boca!

RUY

Gallinha andaluza?

D. JOÃO

Faisão doirado!

A FLAMENGA, *cantando, dançando ao som do pandeiro em volta de* RUY, *e acabando a cantiga n'um beijo*

Écha-me una mardicion
Una mardicion gitana:
Que los ângeles me lleven
En procesion á tu cama...

Surgem ao F. os titereiros, rodeados de povo. — São cinco figuras: á frente, caminha o maioral do bando, DON BRISCO, *hespanhol truculento, d'uma grandiosidade cómica, feltro largo, gibão de velludo velho côr de musgo, pera de chibo, espada de ferro, exhuberancia de gestos, que entra sobraçando quatro enormes fantoches; segue-se uma mulher, typo de cigana, coberta de soálhas doiradas, tocando rabéca: depois, um garoto, tocando tambor; um velho decrépito, tocando flauta: e por fim, um cigano immenso, lenço hespanhol atado na cabeça, pernas ligadas com correias, um «guignol» aos hombros, um mólho de titeres debaixo do braço livre.*

VOZES, *do povo, ao F.*

Viva Don Brisco! — Vivam os titereiros!

ESTALAJADEIRO, *conduzindo os titereiros*

Para aqui! — Para o pateo! *(Ao povo, que quer romper)* É só para os fidalgos! — Não entra ninguem!

VOZES, *protestando*

Fóra! — Fóra!

D. JOÃO, *da varanda, ao* ESTALAJADEIRO

Deixa entrar! *(A* ROSAL) Nós vemos de palanque.

RUY, *gritando, para o F.*

Entre todo o povo!

VOZES *do povo que entra, de sombreiros derrubados*

Vivam os fidalgos! — Vivam! — Viva Don Brisco!

RUY, *dispondo as figuras*

O theatro, além. — A musica para este lado. — É a estalagem de Don Quixote! *(Fazendo sentar a* FLAMENGA *n'um banco)* Maritornes! Senta-te aqui. — Surja maestro Pedro com a sua companhia de bonifrates! — Que é do titereiro-mór?

DON BRISCO, *avançando em largos passos, gesto grandioso, com os fantoches multicôres debaixo do braço*

Yo soy!

RUY, *falando-lhe em castelhano*

Eres tu?

DON BRISCO

Don Juan Brisco, maestro de los titeres españoles, gran bailador de chuchumecos

de Madrid, hidalgo como las mulas d'el-rey, titiritero de Su Majestad.

RUY

Me estás hablando, y no te quitas el chambergo?

DON BRISCO, *enterrando-o mais na cabeça*

Ni me lo quitaré!—Mi padre era grande de España!

RUY

Hidalgo, tu padre?

DON BRISCO

Ni yo me dejára engendrar en el vientre de mi madre, si no fuera de un hidalgo!

D. JOÃO, *ainda da varanda*

Olha lá: que peças representam os teus fantoches?

DON BRISCO

Todo el teatro español, el resto del teatro de todo el mundo,—y en particular las

comedias de mi primo Lope de Vega, de mi compadre Miguel de Cervantes, y de mi pariente Calderon de La Barca! *(Diante do «guignol» que o cigano colloca na E. baixa, cravando no chão um poste com um letreiro onde se lê o nome d'uma peça)* Va a empezar la funcion! *(Indicando o letreiro)* Señores! — «El desafio de Juan Rana», — entremês famoso de Don Pedro Calderon, ya representado por mis monigotes delante de Su Santidad el Papa! *(Para os musicos)* La rabeca y el tamboril!

A FLAMENGA, *protestando, no meio da musica que rompe*

No! No! No!

VOZES, *do povo*

Outro! — Outro!

ROSAL, *da varanda, gritando para* DON BRISCO

La «Casa Holgona»! — Quiero la «Casa Holgona»!

A FLAMENGA

El «Hablador de Sevilla»! — La «Vida es Sueño»! — *(Batendo os pés)* Esa no! — No! No!

VOZES, *do povo, ao F.*

Fóra! — Fóra!

RUY, *erguendo-se*

Silencio! — Venga el entremês que ha hecho reír al Papa!

A representação começa. — Os primeiros fantoches surgem no theatro. — A musica toca.

UMA VOZ, *gritando, fóra*

Aqui d'el-rei! — Aqui d'el-rei!

OUTRA VOZ, *tambem fóra, mais perto*

Ao alcaide! — Ao alcaide!

OUTRA VOZ

Aqui d'el-rei!

DON BRISCO, *cheio de medo, com um fantoche em cada mão*

Mala sangre! — Qué es esto?

FLAMENGA, *erguendo-se, a tremer*

Valga-me el cielo!

RUY

Não te assustes. *(Arrancando a espada)* Arréda d'ahi!

ESTALAJADEIRO, *ao F., entre o povo*

Ha-de ir ao alcaide! — Cordas, para lhe amarrar as mãos! — Ladra!

D. JOÃO, *aparecendo, de feltro e capa, na D. baixa*

Que alvoroço é este? — Que é lá?

ESTALAJADEIRO, *apontando* ISABEL, *que vem presa, agarrada brutalmente por dois eguariços*

Esta ladra, que roubou um pão do taboleiro! *(Para os eguariços)* Tragam-n'a aqui.— Ha-de ir ao alcaide! Que a levo eu!

ISABEL, *debatendo-se*

Deixem-me ir buscar os meus filhos! — Pelo amor de Deus!

D. JOÃO, *approximando-se, vendo* ISABEL, *recuando com assombro e derrubando respeitosamente o sombreiro*

Isabel Conti!

ISABEL, *que os eguariços largam*

D. João! *(N'uma supplica)* Tenha compaixão de mim! — Tenho dois filhos com fome. A Inquisição persegue-me. Roubei para lhes dar de comer... Prenderam-me. — Se alguma vez me quiz bem, tenha piedade, seja generoso, — salve-me agora!

D. JOÃO, *ao* ESTALAJADEIRO, *que o olha, espantado*

Um dobrão d'oiro pelo pão que esta mulher roubou! *(Ao povo, que os rodeia)* Arréda d'aqui, titereiros, eguariços — tudo! *(Respeitosamente, a* ISABEL*)* Minha senhora! — Espera-a um logar no meu côche. — Disponha da minha bolsa, — e da minha espada! *(Despedindo-se de* RUY, *n'um sorriso de triumpho)* Finalmente!

RUY, *baixo*

Caça morta?

D. JOÃO, *com intenção*

Caça viva!

ESTALAJADEIRO, *a* RUY, *emquanto*
D. JOÃO, *offerecendo galantemente o punho a* ISABEL,
entra com ella no côche

O fidalgo, está aqui, — está a contas com a Inquisição!

Cáe o panno

TERCEIRO ACTO

TERCEIRO ACTO

Uma sala no palacio do CARDEAL INQUISIDOR. — *Sumptuosidade, severidade. — Grande chaminé Renascença, armoriada. — Ao F. D., arco resguardado por uma tapeçaria de Arrás: n'um fundo de bosque, tecido d'oiro, o corpo branco de Vénus. — Portas á D. e E. baixa; porta ao F., dando para uma antecamara; guarda-portas de Gobelins, com o escudo esquartelado dos Sousas sob o chapéu de cardeal.— Á E., tremó; bufete pequeno; cadeirão Luiz* XIII; *almofada de damasco vermelho para os pés de Sua Eminencia. — Perto, n'um tamborete. — uma capa, um chapéu, umas luvas brancas de manópla, uma espada de Toledo. — Á D., mesa larga de despacho: processos inquisitoriaes com sellos pendentes; tam-tam, ou meio cymbalo de cobre. — Pela scena, candelabros de prata; luzes. — Noite.*

O NOTARIO, *com os oculos verdes encavalados no nariz, escreve, sentado á mesa do despacho. — Ao levantar do panno, afasta-se a guarda-porta do F. — Entra o* MORDOMO, *introduzindo o velho medico* CURVO SEMMEDO, *o habito de Christo sobre o gibão de velludo preto, um bastão de punho d'oiro na mão. — Na antecamara reluz, por um momento, a alabarda d'um suisso.*

O MEDICO, *ao F., para o* MORDOMO

Sua Eminencia o cardeal Inquisidor?

MORDOMO, *indicando a E. baixa e descendo á D.*

Nos seus aposentos.

NOTARIO, *ao* MORDOMO, *que se approxima da mesa do despacho para vêr, á luz das vélas, uma carta lacrada que traz na mão*

Quem é?

MORDOMO, *baixo, ao* NOTARIO, *que percute o cymbalo de cobre, emquanto o* MEDICO *se encaminha vagarosamente para a E. baixa*

Curvo Semmedo, medico da camara d'el-Rei, familiar do Santo Officio.

FREI MARCOS, *surgindo da porta da E. baixa, ao* MEDICO, *que vai ao seu encontro*

Sua Eminencia espéra-o.

O MEDICO

Beijo as mãos de Vossa Paternidade. — Sua Eminencia está só?

FREI MARCOS

Com Braschi-Onésti, gentil-homem da Nunciatura.

O MEDICO

Negocios de Roma?

FREI MARCOS

Negocios de mulheres.

O MEDICO

Com um gentil-homem do senhor Nuncio?

FREI MARCOS

Emprezario de comicas italianas.

O MEDICO

Qui non est tentatus, quid scit? (Beijando-lhe o escapulario e sahindo pela E. baixa) Servo de Vossa Reverencia.

MORDOMO, *a* FREI MARCOS, *que se dirige á mesa do despacho*

Uma carta para o senhor cardeal. — Do reverendo guardião de S. Francisco.

FREI MARCOS, *recebendo-a*

Quem a trouxe?

MORDOMO

Uma mulher.

FREI MARCOS

Que mulher?

MORDOMO

Diz que é mulher d'um mercador da Hollanda preso nos carceres da Santa Inquisição. — Espéra audiencia.

FREI MARCOS, *ao* NOTARIO

Quantos processos promptos?

NOTARIO, *erguendo-se*

Quatro, reverendo Padre.

FREI MARCOS

Traga-os.

FREI MARCOS *sáe pela D. baixa. O* NOTARIO *ségue-o sobraçando processos, o cálamo na orelha.*

BRASCHI-ONÉSTI, *saltitante, precioso, cabelleira loira, punhos de renda, mantéu de Génova, grandes tacões vermelhos, entrando pela E. baixa, de costas, misturando o portuguez e o italiano, em mesuras e sorrisos para o* CARDEAL, *que se não vê*

Presto! — Prestissimo, Eminenza! — Vou n'um momento. — La più giovanetta è piccola, piccola, piccola, — como um bréve do Papa! — Ho l'onore, Eminenza... *(Curvando-se n'uma grande mesura)* Ho l'onore... *(Voltando-se e chamando o* MORDOMO, *n'um gesto familiar)* — Veni qui.

MORDOMO, *approximando-se*

Illustrissimo.

BRASCHI-ONÉSTI, *calçando as luvas que estão sobre o tamborete*

Quantas cadeirinhas ha no palacio?

MORDOMO

Cadeirinhas?

BRASCHI-ONÉSTI

Portantine, — capisce? Quantas ha?

MORDOMO

Duas, Illustrissimo.

BRASCHI-ONÉSTI

Só? *(contando pelos dedos)* Silvia, Lorenza, La Gioconda, — una, due, tre... — Só duas?

MORDOMO

E o estufim doirado que serve ao senhor Cardeal.

BRASCHI-ONÉSTI

Tem cortinas? — Capisce? — Pode conduzir-se una donna, sem ser vista?

MORDOMO

Já conduziu a Duverger, — amante de Sua Magestade.

BRASCHI-ONÉSTI, *compondo os annéis da cabelleira*

Bravo, bravissimo! — Mande-as sahir a todas.

MORDOMO

As cadeirinhas?

BRASCHI-ONÉSTI

E o estufim.

MORDOMO

Á ordem de sua Eminencia?

BRASCHI-ONÉSTI

E á minha ordem! — Vão commigo. — Presto! — La spada! Il mantello!

MORDOMO, *baixo, dando-lhe a espada*

São cómicas para o senhor Cardeal?

BRASCHI-ONÉSTI, *metendo a espada no talabarte e tomando uma attitude de dança*

Ballerine.

MORDOMO

Bailarinas? — Quantas, Illustrissimo?

BRASCHI-ONÉSTI, *grandioso*

Tutto il corpo di ballo! *(Preocupado, continuando a contar pelos dedos)* Silvia, Lorenza, La Gioconda, — una, due, tre... *(Traçando solémnemente a capa que o* MORDOMO *lhe põe sobre os hombros)* Andiamo!

MORDOMO, *afastando o panno de Arrás da D. F.*

Pela porta secreta.

CARDEAL, *sybarita elegante e decrépito, face cruél de degenerado envelhecida pelo vicio, batina, capello e capa de purpura, luneta de punho d'oiro, assomando na porta da E. baixa e chamando n'um ligeiro aceno*

Braschi-Onésti.

BRASCHI-ONÉSTI, *descendo*

Eminenza...

CARDEAL, *em segredo*

As italianas ceiam commigo.

BRASCHI-ONÉSTI

Oh! — Certo, Eminenza! — Quantas vezes tem Venus ceado com um cardeal! *(Curvando-se)* Ho l'onore... *(Ao* MORDOMO) Capisce? *(Subindo e cortejando exageradamente)* Eminenza! *(Sahindo, com o* MORDOMO, *pelo F. D.)* Una, due, tre...

CARDEAL, *ao* MEDICO, *depois d'um curto silencio*

Ha tres dias e tres noites que não posso estar só.

O MEDICO

Vossa Eminencia?

CARDEAL, *sentando-se*

Não posso.

O MEDICO

Mas Vossa Eminencia que tem?

CARDEAL, *baixo*

Medo.

O MEDICO

Medo?

CARDEAL

Foi por isso que te mandei chamar.

O MEDICO

Ao medico ou ao familiar do Santo Officio?

CARDEAL

A ambos.

O MEDICO

Ambos servirão Vossa Eminencia.

CARDEAL

Vê se alguem nos escuta. *(Indicando o F. D.)* Por detraz da tapeçaria.

O MEDICO, *afastando o panno de Arrás*

Eminencia, — ninguem.

CARDEAL, *olhando a Debaixa*

Nem Frei Marcos?

O MEDICO

Nem Frei Marcos.

CARDEAL

Senta-te aqui. — N'este tamborete. *(O* MEDICO *senta-se)* Olha bem para mim. O que vês tu na minha cara?

O MEDICO

Mas, Eminencia...

CARDEAL

Não hesites. — O que vês tu?

O MEDICO

Magestade, nobreza.

CARDEAL

Só?

O MEDICO

Só.

CARDEAL, *erguendo na mão convulsa um candelabro de prata, accêso, e olhando-se no espelho do tremó da E.*

Não vês nada mais? — Nos meus olhos? Na minha face? — Aqui?

O MEDICO

Eminencia, — talvez certa pallidez.

CARDEAL

Decrepitude?

O MEDICO

Fadiga.

CARDEAL

O olhar apagado, os labios trémulos?

O MEDICO

Apenas fadiga.

CARDEAL, *pousando o candelabro*

Mas tu disséste pallidez.

O MEDICO

Effeito da purpura, Eminencia.

CARDEAL

Disséste pallidez, — e querias dizer morte. *(A um gesto do* MEDICO) É o que eu vejo ha tres dias na minha cara. A morte. — É por isso que não posso estar só.

O MEDICO, *serenamente*

Vossa Eminencia tem o espirito fatigado. Precisa repousar.

CARDEAL

Preciso viver! Viver!—Dá-me a vida que eu tinha, o vigor que eu tinha! Restitue-me a minha mocidade!—*(Mais baixo)* Ouvi dizer que tu fabricavas a essencia d'ambar. —Mette-te no meu côche. Vae buscar-m'a. Traze-m'a esta noite ainda!

O MEDICO

A essencia que eu fabrico, Eminencia, não remoça.

CARDEAL

Não remoça?

O MEDICO

Envenena.

CARDEAL

Mas tu déste-a em França ao Cardeal de Richelieu.

O MEDICO

Dei-a. — Sabe Vossa Eminencia quanto custou ao Cardeal cada instante de mocidade?

CARDEAL, *com exaltação*

Mil ducados!

O MEDICO

Annos de vida!

CARDEAL, *cahindo, abatido, sobre a cadeira*

É caro de mais.

O MEDICO, *tomando o chapéu*

Se Vossa Eminencia ordena...

CARDEAL, *detendo-o*

Não. *(Depois d'um silencio)* Ha quanto tempo me conheceste tu em Roma?

O MEDICO

Dez annos, Eminencia.

CARDEAL

Se eu podesse, ao menos, voltar dez annos atraz! — Ser o que era n'esse tempo! — Recordas-te de mim?

O MEDICO

Vossa Eminencia recebeu-me algumas noites no Vaticano. — Sentou-me á sua mesa.

CARDEAL

As nossas ceias com o cardeal Ottoboni! — Que mulheres! *(A expressão illuminada, recordando)* Lembras-te do corpo branco de Monna Lisa, estendido sobre o meu manto de purpura? — Parece que estou a vêl-o! — E a taça d'oiro que eu mandei modelar pelo seio d'uma florentina! Quando bebia por ela, uma só gotta de vinho embriagava-me... *(Dolorosamente)* E agora, nem todo o vinho de Chypre, nem todo o amor da Italia! — Não. Digo-t'o eu. A obra de Deus é imperfeita. — Ao menos, os cardeaes, não deviam envelhecer!

O MEDICO

Eminencia, — envelhecem mais depressa.

CARDEAL

Para que és tu sabio?

O MEDICO

Para lh'o poder dizer.

CARDEAL

A tua sciencia não me rejuvenesce.

O MEDICO

Quem sabe?

CARDEAL

Tentei os meios todos.

O MEDICO

Ainda não.

CARDEAL, *vivamente*

Ha mais algum?

O MEDICO

Talvez.

CARDEAL

Sim. Rodear-me de mulheres muito moças. Beber-lhes o halito, como os antigos patriarchas biblicos...—Braschi-Onésti traz-me italianas esta noite.

O MEDICO

Outro meio ainda, Eminencia.

CARDEAL

Qual?

O MEDICO

Vossa Eminencia é o santo Cardeal Inquisidor... Porque não faz o que fazia em Hespanha o cardeal Cisneros? Vá ao palacio da Inquisição, desça á camara dos tormentos, mande torturar mulheres, —e assista.

CARDEAL, *n'um desalento tragico*

Curvo Semmedo! Quantas centenas d'ellas tenho eu mandado torturar!

O MEDICO

Vossa Eminencia?

CARDEAL

É esse, — é esse, precisamente, o mais terrivel sinal da minha decrepitude. — Agora é que tocaste a fundo a ferida. — D'antes, quando torturava alguem, — o prazer que eu sentia! Era como um vinho precioso que me corria nas veias. Não deixava isso aos Inquisidores; ia eu. E quando os corpos nús se torciam no potro e na polé, — com que voluptuosidade eu seguia, pela minha luneta d'oiro, todas as contracções, todas as attitudes, todas as crispações de dôr! — Embriagava-me, allucinava-me,—crescia dentro de mim a alma d'artista d'um Médicis! — Passado um instante, —já não eram creaturas vivas que eu tinha diante dos olhos: eram os nús das grandes obras d'arte de Roma e de Florença, os quadros do Vaticano, os retábulos de S. Marcos, as estatuas de Palazzo Vecchio. E emquanto os gritos resoavam, e a nudez humana resplandecia ao clarão das tochas, e os frades levantavam nas mãos descarnadas a cruz dos tormentos, — do fundo da minha cadeira de Inquisidor eu via claramente, e gritava, e apontava: —Olha, além! Ticiano! — Ali, Murillo! — Raphael! — Giovanni da Bologna! — Miguel Angelo! *(Com enthusiasmo, como se as obras d'arte lhe surgissem em volta)* Bello! Bello!

O MEDICO

Eminencia!

CARDEAL

Hoje, não. — É a minha face que eu vejo na face dos torturados. É a minha pallidez. É a minha decrepitude. *(Olhando-se no espelho e recuando)* É esta imagem da morte que eu tenho estampada na cara! — E cubro-me com o manto, e fujo, — e tenho medo! — Medo!

FREI MARCOS *entra pela D. baixa, dirige-se á mesa do despacho e percute o cymbalo de cobre para chamar alguem.*

O MEDICO, *baixo, ao* CARDEAL, *quando o cymbalo retine*

Frei Marcos...

CARDEAL, *a* FREI MARCOS, *com brilho*

Ah! Os processos. — Despacho antes da ceia.

FREI MARCOS, *curvando-se*

Quando Vossa Eminencia ordenar.

CARDEAL, *baixo, ao* MEDICO

Nem uma palavra diante d'elle.

FREI MARCOS, *que traz na mão, aberta, a carta que recebeu no principio do acto, e a mostra ao* MORDOMO, *que apparece ao F.*

A mulher que trouxe esta carta?

MORDOMO

Na sala dos Tudescos.

FREI MARCOS

Não sáe sem minha ordem. *(Ao* NOTARIO, *que surge na D. baixa)* Os processos. — Sua Eminencia dá despacho.

O MORDOMO *sáe pelo F.; o* NOTARIO *pela D. baixa, voltando em seguida com os processos.*

CARDEAL, *baixo, ao* MEDICO, *emquanto* FREI MARCOS *sobe até á mesa do despacho*

Que elles não suspeitem de que o Cardeal Inquisidor se sente decrépito. — Espéra-me nos meus aposentos. Preciso de ti.

O MEDICO, *baixo, ao* CARDEAL

Mas se o espectaculo da tortura physica

deixa Vossa Eminencia insensivel, porque não experimenta a tortura moral?

CARDEAL

A tortura moral?

O MEDICO

Conheci em Amsterdam um Inquisidor que, quando torturava o espirito d'alguem, — rejuvenescia.

CARDEAL

Rejuvenescia?

O MEDICO, *persuasivo*

Experimente Vossa Eminencia. O interrogatorio d'uma victima... Sentir quebrar, estalar uma alma nas nossas mãos... Vel-a palpitar de dôr, fibra a fibra! O tormento do corpo é brutal, é grosseiro. Para uma alma de artista italiano, como a de Vossa Eminencia, é no tormento moral que residem todos os requintes.

CARDEAL

Se eu podésse tentar... *(Vendo* FREI MARCOS *e o* NOTARIO, *que se approximam)* Silencio.

O MEDICO, *baixo, curvando-se a beijar o annél do* CARDEAL *e sahindo pela E. baixa*

Lembre-se Vossa Eminencia. — O Inquisidor de Amsterdam.

FREI MARCOS, *approximando-se*

Quatro processos. — Vossa Eminencia quer lêr os summarios?

CARDEAL

Não. Bastam as notas theologicas.

FREI MARCOS

As provisões estão feitas, — para Vossa Eminencia assignar.

CARDEAL

Quem são os reus?

NOTARIO, *lendo o rosto de um dos quatro processos que traz sobraçados e dos quaes pende o sello do Santo Officio*

Primeiro. — Licenciado Vasco Affonso. De cincoenta annos. Ao Arco do Ouro.

CARDEAL, *recebendo o cálamo que o* MORDOMO *lhe offerece de joelhos sobre uma almofada de damasco vermelho*

Crime?

FREI MARCOS, *lendo a nota theologica no processo que o* NOTARIO *lhe passa ás mãos, e apresentando-o ao* CARDEAL, *aberto na folha da provisão*

Heresia. — Suspeitoso vehemente. — Confitente diminuto.

CARDEAL, *assignando*

Outro.

NOTARIO, *lendo e passando a* FREI MARCOS

Segundo. — Frei Manoel do Sepulchro. Monge de S. Bento.

CARDEAL

Crime?

FREI MARCOS, *apresentando-lhe o segundo processo*

Coito damnado.

CARDEAL

E a mulher?

FREI MARCOS

Já foi queimada viva no ultimo auto de fé.

CARDEAL

Era bella?

FREI MARCOS

Era bella, Eminencia.

CARDEAL, *assignando*

Outro.

NOTARIO, *lendo e passando a* FREI MARCOS

Terceiro. — Mestre Josué Zacuto. Christão novo. Cirurgião. — No Hospital de todos os Santos.

CARDEAL

Crime?

FREI MARCOS, *apresentando-lhe o terceiro processo*

Hereje formal. — Penitente ficto. — Relapso.

CARDEAL

Fogueira! *(Assignando)* Outro.

NOTARIO, *lendo e passando a* FREI MARCOS

Quarto. — Micer Antonio Gaspar. De trinta annos. Mercador.

CARDEAL

Crime?

FREI MARCOS, *ao* CARDEAL, *baixo, apresentando-lhe o quarto processo*

É aquelle mercador rico, que trouxe grandes pratas e joias de Hamburgo e da Hollanda.

CARDEAL

Rico? — Confiscados os bens. — Carcere *ad cautelam. (Assignando)* Adiante.

FREI MARCOS, *mostrando ao* CARDEAL *a carta já aberta*

Uma carta para Vossa Eminencia. Vem assinada pelo reverendo Guardião de S. Francisco, confessor d'el-Rei.

CARDEAL

Frei Estevam? — Que diz?

FREI MARCOS

Pede a misericordia de Vossa Eminencia para o marido de Isabel Conti, preso nos carceres do Santo Officio.

CARDEAL

Quem é o marido de Isabel Conti?

FREI MARCOS

O mercador. Quarto processo. — A mulher supplíca audiencia e espera. — A carta parece-me falsa.

CARDEAL

Falsa?

FREI MARCOS

Não é do punho do reverendo Guardião de S. Franscisco.

CARDEAL

Pode ser notada pelo frade escrivão do convento. — Veja a assignatura.

FREI MARCOS, *vendo a assignatura, emquanto o* NOTARIO, *que tem levado os processos para a mesa da D. alta, folheia apressadamente um d'elles*

Tambem não é a assignatura do reverendo Frei Estevam, Eminencia.

NOTARIO, *passando a* FREI MARCOS *um dos processos*

O reverendo Guardião de S. Francisco é testemunha no processo de Frei Manoel do Sepulchro. Tem a assignatura nos autos.

FREI MARCOS, *apresentando ao* CARDEAL *o processo e a carta*

Aqui está. — Compare Vossa Eminencia.

CARDEAL

Talvez Frei Estevam não tivesse podido assignar.

FREI MARCOS

A carta, n'esse caso, devia trazer o sello do convento.

CARDEAL, *arrebatando-lh'a das mãos*

Não traz o sello?

FREI MARCOS

Não, Eminencia.

CARDEAL, *n'um pensamento subito*

Essa mulher está ahi?

FREI MARCOS

Na sala dos Tudescos.

CARDEAL

Mande-a entrar.

NOTARIO, *ao* CARDEAL, *emquanto* FREI MARCOS *dá em voz baixa uma ordem ao* MORDOMO, *que sáe pelo F.*

Remettem-se os processos?

CARDEAL, *absorto*

Ao Inquisidor de Amsterdam.

NOTARIO, *sem comprehender*

De Amsterdam?

CARDEAL

Ao Inquisidor D. João de Mello. — Cuidava n'outra coisa.

FREI MARCOS, *descendo, ao* CARDEAL, *emquanto o* NOTARIO *sobe*

Vossa Eminencia quer que a interrogue?

CARDEAL

Não. Interrogo-a eu. — Vossa Paternidade fica.

O MORDOMO *afasta a guarda-porta de Gobelins. Surge do F.* ISABEL CONTI, *acompanhada dos dois* FILHOS. *Vem em roupas, com manto e véu. Nas mãos fulge uma joia.*

NOTARIO

Isabel Conti.

ISABEL, *que tem avançado timidamente dois passos, estremece ao ouvír a voz do* NOTARIO, *reconhece-o e recúa n'um movimento instinctivo de horror*

Ah!

FREI MARCOS

Approxime-se. — O Eminentissimo Cardeal Inquisidor concede-lhe audiencia.

ISABEL, *reconhecendo* FREI MARCOS, *que sobe, e descendo até á D. baixa, como a fugir-lhe, no gesto de quem defende os* FILHOS

Deus de piedade!

CARDEAL, *a* FREI MARCOS, *baixo, assestando a luneta de punho d'oiro e seguindo todos os movimentos da contra-scena de* ISABEL

A «Donna Velata» de Raphael! — Ainda é bella!

ISABEL

Não! Não o oiça, senhor Inquisidor! Não escute esse frade maldito! Foi elle que me roubou, foi a sua mão de sangue que arrastou meu marido aos carceres do Santo Officio! Roubou-me em nome de Deus e de Vossa Eminencia, — e nem Deus nem Vossa Eminencia mandam roubar desgraçados! *(Cahindo de joelhos)* Justiça, senhor Cardeal! Salve o meu marido, restitua-me os meus bens, dê-me o pão dos meus filhos, — salve-me!

CARDEAL, *a* FREI MARCOS, *baixo, olhando-a sempre*

De que côr são os olhos?

FREI MARCOS

Verdes, Eminencia.

ISABEL, *prostrada*

Virgem Santissima! Virgem Santissima!

CARDEAL, *a* FREI MARCOS

As mãos teem certa belleza. Já vi, não sei onde, aquellas mãos. *(A* ISABEL) Como se chama seu marido?

ISABEL

Micer Antonio Gaspar. Preso nos carceres ha tres mezes. — Está innocente. Juro a Vossa Eminencia que elle está innocente. Nunca deixou de commungar o sagrado corpo emquanto esteve na Hollanda. Se lhe disseram o contrario, mentiram-lhe, senhor Cardeal! *(Com rancor, para* FREI MARCOS *impassivel)* Mentiram-lhe! *(Quebrando o rancor n'uma supplica)* Piedade! — Vae beijar os pés de sua Eminencia, meu filho. Pede-lhe que tenha dó

do teu pobre pae. — Elle é tão novo ainda! Na flôr da vida! Eramos tão felizes! — Misericordia, senhor Inquisidor! A minha ultima esperança está em Vossa Eminencia. — Pelas dores da Santa Virgem! Por essa cruz que tem no peito! — Misericordia!

O FILHO, *chorando e agarrando-se-lhe ao manto*

Mãe!

CARDEAL

Per bacco! — N'uma madonna de Guido Reni! São as mãos d'uma madonna de Guido Reni! *(A* ISABEL) Mais perto. Mais perto. *(Mostrando-lhe a carta)* Conhece esta carta?

ISABEL

Essa carta?

CARDEAL

Conhece-a?

ISABEL

Foi a carta que me trouxe aos pés de Vossa Eminencia.

CARDEAL

Sabe de quem é?

ISABEL

Do reverendo Guardião do mosteiro de S. Francisco. — Disseram-me que era confessor e grande amigo de Vossa Eminencia, que só elle podia salvar meu marido. — Para obter essa carta fiz tudo quanto uma mulher pode fazer. Tinha dado a vida por ella, se m'a pedissem!

CARDEAL

Tem a certeza de que é do Guardião de S. Francisco?

ISABEL, *sem comprehender*

Se tenho a certeza?

CARDEAL

Quem lhe deu esta carta?

ISABEL, *começando a perturbar-se*

Não me recordo. — Não me recordo bem.

CARDEAL

Como a obteve? — Ha de saber como a obteve.

ISABEL

Obtive-a... *(Ao acaso)* Foi o reverendo Guardião...

CARDEAL

Foi o Guardião de S. Francisco que lh'a deu em mão propria?

ISABEL

Foi.

CARDEAL

Foi? — Aonde?

ISABEL

Não sei.

CARDEAL

No paço ou no convento? — Elle não sáe

do convento senão para ir ao paço, — e de côche fechado. — Por conseguinte, havia de ser no convento ou no paço.

ISABEL, *hesitando*

No paço.

CARDEAL

Está bem certa de que foi no paço?

ISABEL

No convento. Foi no convento.

CARDEAL

Entrou no convento?

ISABEL

Entrei.

CARDEAL

E o frade chaveiro deixou-a entrar?

ISABEL

O frade chaveiro não me viu.

CARDEAL

Entrou, então, clandestinamente?

ISABEL, *sem comprehender o valor da sua resposta*

Sim.

CARDEAL

N'um convento de frades? Uma mulher?

ISABEL, *cahindo em si, n'uma perturbação crescente*

Não, não... — Filhos da minha alma! — Já não me lembro. — Foi na portaria. O reverendo Guardião deu-m'a na portaria.

CARDEAL

Mente!

ISABEL, *apertando os filhos ao seio*

Jesus!

CARDEAL

Esta carta não é do Guardião de S. Francisco. — Esta carta é falsa!

ISABEL

Falsa!

CARDEAL, *atirando-lhe a carta*

Forjada ignobilmente. — E com a sua cumplicidade.

ISABEL

Esta carta? — Não! Não póde ser! — *(Desdobrando-a, nas mãos convulsas)* Veja bem Vossa Eminencia... Por piedade! — Esta carta não póde ser falsa! Não é falsa! *(Dolorosamente)* Se eu a paguei tão caro!

CARDEAL

Pagou-a caro? — A quem?

ISABEL

Oh! Meu Deus!

CARDEAL

A quem foi que a pagou?

ISABEL

Se Vossa Eminencia soubesse por que preço!

CARDEAL

Quem foi que lhe deu essa carta?

ISABEL

Não me torturem!

CARDEAL

Responda. — Quem foi?

ISABEL

Um frade.

CARDEAL

Um frade?

ISABEL

Um frade do mosteiro de S. Francisco. — Já Vossa Eminencia vê que não póde ser falsa!

CARDEAL

E onde encontrou o frade para lh'a pedir? — Na cella?

ISABEL

Não entrei no convento.

CARDEAL

Em casa d'algum seu parente?

ISABEL

Não tenho parentes em Portugal.

CARDEAL

Onde foi, então, que o encontrou?

ISABEL

Em casa de Mossem Judas Navarro. *(N'uma angustia)* Deixem-me! Deixem-me!

CARDEAL

Mossem Judas? — Um frade de S. Francisco em casa d'um judeu?

ISABEL

Tinha obtido licença de ir a ares.

CARDEAL

E como se chama o frade?

ISABEL

Não sei. Não sei.

CARDEAL

Inutil esconder-lhe o nome. Mandarei sabel-o. — Chama-se...?

ISABEL

Frei Placido.

CARDEAL

Frei Placido...?

ISABEL

Frei Placido de Jesus. — Deixem-me! Não me atormentem mais.

FREI MARCOS, *baixo, ao* CARDEAL

É um frade moço, irmão natural da marqueza de Arronches.

CARDEAL, *a* FREI MARCOS

Tome nota. *(A um gesto de* FREI MARCOS, *o* NOTARIO *escreve)* E porque preço lhe vendeu elle a carta?

ISABEL, *succumbindo*

Tenham dó de mim.

CARDEAL

Com que dinheiro lh'a comprou, se os seus bens foram sequestrados?

ISABEL

Meu Deus!

CARDEAL

Ha quanto tempo está seu marido nos carceres?

ISABEL

Tres meses.

CARDEAL

De que recursos viveu n'esses tres meses?

ISABEL

Dos meus parentes.

CARDEAL

Disse, ainda agora, que não tinha parentes.

ISABEL

Em Portugal. — Mas tenho-os na Italia.

CARDEAL

Na Italia?

ISABEL

Em Napoles.

CARDEAL

Mandaram-lhe recursos de Napoles? — Ha quanto tempo?

ISABEL

Ha dois meses.

CARDEAL

Mente! — Ha quatro, que não veem náus da Italia, porque ha lá péste. — *(Insistindo)* De que dinheiro tem vivido?

ISABEL

De esmolas.

CARDEAL

De esmolas, — e tem joias nos dedos?

ISABEL, *escondendo as mãos*

Ah!

CARDEAL

Escondeu-as tarde. — Quem lhe deu essas joias? Como viveu n'estes tres meses? — Diga. Não lhe faço mal. — Quer a liberdade de seu marido? Não é mentindo que a obtém. — Responda. Os seus bens foram sequestrados. A sua casa, sellada pelo Santo Officio. Não tem parentes em Portugal. Não recebeu recursos da Italia. — Camo viveu?

ISABEL, *n'uma profunda expressão de dôr*

Os meus filhos tinham fome, senhor Car-

deal... Choravam-me nos braços...—E foi preciso... *(N'um soluço, tapando a cara)* Oh! que vergonha! — Meu Deus!

CARDEAL

Prostituiu-se?

ISABEL

Não! Não!—Tenham compaixão de mim!

CARDEAL

Era o que eu queria que me confessasse. — Prostituiu-se. — E a quem?

ISABEL, *erguendo-se, hirta*

Mas... Deus do céu!

CARDEAL

A quem foi?—Os nomes. Diga-me os nomes.

ISABEL, *n'uma subita revolta de todo o seu sangue*

Ah! Não!—Não, senhor Cardeal!—Eu vim aqui supplicar piedade, não vim apre-

goar a minha deshonra! — Miseraveis, que nem respeitam o pudor d'uma mulher! Féras, que parece que não tivéram mãe! — Vendi-me, sim, vendi-me. Mas vendi-me, porque tu me roubaste! Vendi-me, porque Deus me roubou! E se me afundei no lodo e no sangue, esse sangue e esse lodo é na tua face que espirram! — Na tua face!

FREI MARCOS, *avançando para* ISABEL

Mulher!

ISABEL, *estreitando os* FILHOS, *n'um grito de angustia*

Filhos! — Meus filhos!

CARDEAL, *erguendo-se*

Frei Marcos! — Ordem immediata aos inquisidores para arrancar ao carcere o marido de Isabel Conti e pôl-o a tormento!

ISABEL, *ganhando a porta, n'um movimento desvairado, a impedir a sahida de* FREI MARCOS

Não! Por piedade! Não! — Um momento! Um instante só!

CARDEAL, *a* FREI MARCOS

Ordem do Cardeal Inquisidor Geral!

ISABEL, *ao F., tomando a passagem*

Não! Espére Vossa Eminencia!—Eu digo tudo! Tudo!—Não lhe façam mal... —Misericordia!

CARDEAL, *a* ISABEL

Os nomes?

ISABEL, *offegante*

Sim, sim... —Um momento. —Mas que póde Vossa Eminencia ganhar com a tortura d'uma pobre mulher? Que interesse tem Vossa Eminencia em despedaçar uma alma!

CARDEAL

Quem foi o primeiro?

ISABEL, *afastando os* FILHOS *de si*

Os meus filhos!—Que elles não oiçam! Que elles não suspeitem da minha vergonha!

CARDEAL

O primeiro, foi...?

ISABEL

D. João Pereira.

CARDEAL, *repetindo, para o* NOTARIO, *que escreve*

D. João Pereira.

ISABEL

Tinham-me prendido por roubar um pão para os meus filhos. Offereceu-me o seu côche, a sua bolsa... *(Tapando a face, n'um soluço)* Meu Deus!

CARDEAL

O segundo?

ISABEL

Ruy de Sousa, escolar de Coimbra.— Por me ter salvo do primeiro.

CARDEAL

Escolar de Coimbra.—E depois?

ISABEL

Ninguem mais! Ninguem mais!

CARDEAL

Que ia fazer a casa de Mossem Judas Navarro, judeu velho e rico?

ISABEL

Que tortura! Que vergonha!

CARDEAL, *ditando, ao* NOTARIO

Mossem Judas Navarro. *(A* ISABEL) E depois de se ter vendido por dinheiro, vendeu-se a Frei Placido por uma carta falsa.

ISABEL, *entre dentes*

Infame!

CARDEÁL, *ao* NOTARIO

Frei Placido de Jesus.

ISABEL

Ó Mãe Santissima!

CARDEAL

Basta. — Não preciso de mais. *(Baixo, a*

FREI MARCOS *e ao* NOTARIO, *que vae sentar-se, escrevendo, á mesa da D. alta)* Ordem de prisão, já, contra esses quatro homens. *(A* ISABEL) Seu marido sahirá reconciliado com o Santo Tribunal.

ISABEL, *n'um grito*

Livre?

CARDEAL

Sim.

ISABEL

Meu marido? — Vossa Eminencia dá a liberdade a meu marido? *(N'uma exaltaçãc)* Quando? Quando?

CARDEAL

Immediatamente. A ordem vae ser expedida *(Ao* NOTARIO, *que escreve á mesa do despacho)* Lavre a provisão do costume, a respeito de Isabel Conti.

NOTARIO

A provisão do costume?

ISABEL

Virgem do Amparo, que não me abandonaste! — Antonio! Meu Antonio! *(Ao* CARDEAL, *n'uma alegria febril)* Vossa Eminencia dá-me a ordem para a minha mão? Dá-m'a já? Posso leval-a eu?

FREI MARCOS, *baixo, ao* CARDEAL

Previno os familiares e os quadrilheiros?

CARDEAL, *a* FREI MARCOS, *para que* ISABEL *o oiça*

Ella propria a levará ao palacio da Inquisição.

ISABEL

Filhos da minha alma! *(Apertando o* FILHO *ao seio)* Filho! Vão dar a liberdade ao teu pobre pae! Foi Sua Eminencia que mandou. Vaes beijal-o, vaes vêl-o outra vez! *(Ao* NOTARIO, *que lavra a provisão)* Que o soltem já... Que lhe restituam todos os bens, — não é verdade? — Sim, escreva... Que m'o deem immediatamente! *(Vacillando)* Oh! Meu Deus! Meu Deus!

FREI MARCOS, *que tem recebido do* NOTARIO *a provisão, lendo-a, baixo, ao* CARDEAL

«Da parte do Eminentissimo Cardeal Inquisidor, ordem de prisão contra Isabel Conti. O Santo Tribunal, por summa misericordia, tomará conta de seus filhos. — Assigna Vossa Eminencia?

CARDEAL, *a* ISABEL, *dedois de assignar, de bater o sello do annel sobre o lacre e dar a provisão a* FREI MARCOS

Aqui tem a ordem.

ISABEL, *arrebatando o papel das mãos de* FREI MARCOS, *nervosamente*

Livre! *(Recuando, com os* FILHOS, *n'um sorriso de infinito jubilo, atirando, com as creanças, beijos ao* CARDEAL, *emquanto fóra se começam a ouvir, n'um alaúde, os pizzicatos d'uma sarabanda)* Que as bençãos do céu caiam sobre Vossa Eminencia! — Que debaixo dos seus pés nasçam rosas! — Que cada sorriso dos meus filhos seja para Vossa Eminencia um anno de vida! — Abençoado o dia que o viu nascer! *(Sahindo, n'um ultimo beijo)* Abençoado!

BRASCHI-ONÉSTI, *afastando a tapeçaria da D. F., e entrando, de alaúde em punho*

Eminenza, — as italianas!

CARDEAL, *ao* MEDICO, *que surge da E. baixa, emquanto* FREI MARCOS *e o* NOTARIO *sáem pela D.*

Curvo Semmedo! — Voltei dez annos atraz! *(Desprendendo o manto e atirando-o n'um grande gesto)* Vaes tornar a vêr o corpo de Monna Lisa sobre o meu manto de purpura!

BRASCHI-ONÉSTI, *apresentando ao* CARDEAL, *n'uma mesura, as bailarinas italianas que entram, mosqueadas de signaes, toucadas d'oiro, vestidas de sêda, amparadas a bastões de punho de Limoges*

Silvia... — Lorenza... — La Gioconda...

Cáe o panno

QUARTO ACTO

QUARTO ACTO

1.º QUADRO

No palacio da Inquisição. — Uma velha e profunda casa com abobadas de ogivas e arcos mestres espessos moldados; pilares macissos em cujos sócos se enroscam brutescos de pedra. — Um dos pilares, em vulto, occupa o meio da scena. — Chão de lagedo, com argolões de ferro. — Portas atarracadas, de castanho, com grossa pregaria de bronze, na E. baixa, na D. alta e no F. — Na parede da E., a toda a altura, uma formidavel cruz negra com a imagem de Christo crucificado. Em baixo, de perfil, archi-bancada semelhante ás estallas d'um côro, destinada aos inquisidores e deputados do Santo Officio. Junto d'ella, ao fundo e de frente, a estante de archi-banco do NOTARIO *e do* PROMOTOR, *com os processos pendentes e o Evangelho; no chão, a meio, diante da estalla presidencial, um brazeiro de cobre. — Á D., escano de espaldar alto, encostado á parede: n'uma tapeçaria, surge a espada flammejante da Inquisição, vermelha, entre as palavras «Justitia et Misericordia». — N'uma polé suspensa d'um fecho de abobada passa uma corda de linho canhamo: uma das pontas pende até ao lagedo do chão; a outra vae enrolar-se n'um cabrestante dissimulado ao F., por detraz do banco do* NOTARIO. *— A luz entra por quatro frestas altas de esbarro, e vae bater no Christo e na archi-bancada dos inquisidores. — O resto da scena fica na sombra.*

Quando o panno sobe, a estalla presidencial está deserta. As estallas lateraes são occupadas por tres dominicanos, deputados do Santo Officio: na extrema esquerda, o PROCURADOR, *frade bento, obeso, dorme com o breviario sobre os joelhos: no archi-banco da frente, o frade* PROMOTOR, *dominicano, e o* NOTARIO, *de loba negra, folheam processos. — Ao F. esquerda adivinha-se a murça vermelha d'um carrasco. — No escano da D. baixa aguardam tres leigos herculeos de S. Domingos, com a testeira do capuz sobre os olhos. — Ao F., porteiros, empunhando a maça de prata, meirinhos de mantéu hollandez e vara, quadrilheiros de saltimbarca negra. — Ouvem-se as badaladas vagarosas d'um sino. — A porta do F. abre-se: entra* FREI MARCOS, *curva-se diante da imagem de Christo e dirige-se á estalla mais alta, onde toma assento.*

FREI MARCOS, *erguendo-se quando acaba de soar a ultima badalada, as mãos cruzadas sobre o peito, a face dura, e recitando a oração ritual do Espirito-Santo*

Deus, qui corda fidelium Sancti Spiritus illustractione docuisti: da nobis in eodem Spiritu recta sapere, et de ejus semper consolatione gaudere. — Per Christum Dominum nostrum.

PROMOTOR, *sentando-se ao mesmo tempo que* FREI MARCOS

Amen.

FREI MARCOS

Audiencia para inquirição de testemunhas. — Processo n.º 502.

PROMOTOR, *levantando-se e lendo*

Processo n.º 502. — Feito crime contra Isabel Conti, casada, de vinte e seis annos, por adultera e barregã de clérigo. — Appenso ao processo de micer Antonio Gaspar, mercador n'este reino e côrte, preso nos carceres do Santo Officio.

NOTARIO, *folheando o processo que o* PROMOTOR *lhe passa ao sentar-se, e lendo, de pé*

Inquirição dos co-réus no feito crime contra Isabel Conti. — Primeiro, D. João Pereira, de trinta annos, fidalgo de linhagem. — Segundo, Ruy de Sousa, de vinte e sete annos, escolar de Coimbra. — Terceiro, Frei Placido de Jesus, no século D. Lopo de Menezes, religioso no mosteiro de S. Francisco. — Quarto, Mossem Judas Navarro, christão-novo, joalheiro d'el-Rei Nosso Senhor. — Todos presos nos carceres d'esta Santa Inquisição.

FREI MARCOS, *ao* PROCURADOR, *que dorme*

O reverendo padre Procurador tem al-

guma allegação a fazer da parte da ré Isabel Conti?

PROCURADOR, *a quem o* DEPUTADO *mais proximo puxa a manga do habito, acordando extremunhado*

Vossa Paternidade diz?

FREI MARCOS

Se Vossa Reverencia, como defensor *ex-officio,* tem alguma allegação a fazer.

PROCURADOR

A ré faz judiciaes as testemunhas citadas, com protestação de vir em tempo com suas contraditas e reprovas. — Nos termos de justiça.

FREI MARCOS, *vendo surgir o* CARDEAL *na porta do F., e erguendo-se*

Sua Eminencia o Cardeal Inquisidor Geral.

Todos se levantam. — Entra pelo F. o CARDEAL, *acompanhado do medico* CURVO SEMMEDO, *que véste a loba de familiar do Santo Officio, com a cruz de Christo, vermelha, sobre o peitoral esquerdo. — Precedem-no*

dois alabardeiros, de velludo negro, á Franz Hals, que ficam junto da porta. — Um familiar moço, com a cruz branca de Malla sobre a loba, traz uma almofada de damasco carmezim e colloca-a sobre o chão de lagedo diante da archi-bancada dos Inquisidores. — Seguem-n'o frades de S. Domingos. — FREI MARCOS *desce a receber Sua Eminencia e beija-lhe o annél; o* CARDEAL *ajoelha sobre a almofada, e, voltado para o Christo, resa um momento em silencio.*

CARDEAL, *baixo, ao* MEDICO, *que o ajuda a erguer-se*

Curvo Semmedo. — Ha dez annos viste representar no Vaticano uma tragédia de Giorgio Trissino. Vaes vêr representar outra, aqui. No tormento das almas, ha, com effeito, mais arte. *(Encaminhando-se para a estalla presidencial, onde se assenta)* Podem Vossas Paternidades dar começo aos interrogatorios.

FREI MARCOS, *tomando logar ao lado do* CARDEAL, *e ordenando a um* MEIRINHO *que está junto da porta da D. alta*

Mande entrar o primeiro co-réu, D. João Pereira,

O MEIRINHO, *abrindo a porta da D. alta e repetindo o nome*

D. João Pereira.

PROCURADOR, *ao* DEPUTADO *mais proximo, baixo*

Se eu adormecer, Vossa Reverencia acorde-me.

Entra pela D. alta D. JOÃO, *altivo, os braços cruzados, uma cicatriz bem visivel na face esquerda, vestido de velludo negro, sem espada. — O* CARDEAL, *pela sua luneta de punho d'oiro, observa-o, attentamente. — O frade* PROCURADOR *adormece sobre o breviario. — Um instante de silencio.*

FREI MARCOS

O seu nome?

D. JOÃO

D. João Pereira de Napoles e Bourbon.

FREI MARCOS

Estado?

D. JOÃO

Solteiro.

FREI MARCOS

Edade?

D. JOÃO

Trinta annos.

PROMOTOR, *apresentando-lhe o Evangelho*

Jura verdade e silencio?

D. JOÃO, *estendendo a mão*

Juro.

FREI MARCOS

Soffreu alguma condemnação ou pena pelo Ordinario?

D. JOÃO

Não.

FREI MARCOS

Sabe porque foi chamado á mesa do Santo Officio?

D. JOÃO

Ignoro.

CARDEAL, *baixo, a* FREI MARCOS, *olhando sempre* D. JOÃO

Tem uma cicatriz na face.

FREI MARCOS, *a* D. JOÃO

D'onde provém a cicatriz que tem na face?

D. JOÃO

Bati-me.

FREI MARCOS

Em duello?

D. JOÃO

Em duello.

FREI MARCOS

Ha quanto tempo?

D. JOÃO

Ha tres mezes.

FREI MARCOS

Com quem?

D. JOÃO

Com um amigo.

FREI MARCOS

Porquê?

D. JOÃO

Pelo eterno motivo por que se batem fidalgos: por uma mulher.

FREI MARCOS

Conhece o alvará d'el-Rei que prohibe os duellos?

D. JOÃO

Conheço a divisa de Toledo aberta na minha espada: — «No la saques sin razon, no la embaines sin honor.» — Tirei-a com razão. Embaínhei-a com honra. — Não devo nada a el-Rei.

FREI MARCOS

Quem era essa mulher?

D. JOÃO

Uma mulher casada.

FREI MARCOS

Bella?

D. JOÃO

Todas as mulheres são bellas quando são desejadas.

FREI MARCOS

Virtuosa?

D. JOÃO

A mais virtuosa das minhas amantes: resistiu-me seis annos.

FREI MARCOS

Forçou-a?

D. JOÃO

Paguei-a.—Nunca possuí mulheres contra vontade d'ellas.

FREI MARCOS

Como a pagou?

D. JOÃO

Comprando um pão por uma moeda d'oiro. — O pão mais caro que tenho comprado. A mulher mais barata que tenho possuído.

FREI MARCOS

Deu-lhe dinheiro?

D. JOÃO

Joias.

FREI MARCOS

Teve-a na sua companhia?

D. JOÃO

Poucos dias.

FREI MARCOS

Abandonou-a?

D. JOÃO

Fugiu-me.

FREI MARCOS

O nome d'essa mulher?

D. JOÃO

Isabel Conti.

FREI MARCOS

Casada com micer Antonio Gaspar, mercador que foi na Hollanda?

D. JOÃO

A propria.

CARDEAL, *intervindo*

Sabe onde está essa mulher, agora?

D. JOÃO

Ignoro, Eminencia.

CARDEAL

Nos carceres do Santo Officio.

D. JOÃO, *depois d'um instante de perturbação, com vehemencia*

Se foi por denuncia de Isabel Conti que

Vossas Reverencias me chamaram a este Santo Tribunal, desde já, perante o reverendo padre Promotor, opponho suspeição contra ella nos termos de justiça.

FREI MARCOS

O reverendo Promotor inquirirá da suspeição opposta.

PROMOTOR

O que alléga?

D. JOÃO

Allégo que essa mulher é minha inimiga provada.

PROMOTOR

Porquê?

D. JOÃO

Porque a tratei como nós outros, fidalgos de sangue, costumamos tratar as nossas amantes.

PROMOTOR

Exerceu violencias sobre ella?

D. JOÃO

Obriguei-a a cear á minha mesa, com vinte dos meus amigos, e a beber diante d'elles, sentada nos meus joelhos. — Uma amante é como um annél: traz-se para os outros verem. — Corri mundo, Hespanha, França, Italia, — nunca vi tratar com honra mulheres perdidas. — Tive-a nos meus joelhos, diante de vinte homens, á luz de cem vellas accesas, com uma taça na mão, a tremer e a chorar de vergonha. — Tinha-me resistido: véxei-a. — Mas, meus Padres, as lagrimas das mulheres perturbam como vinho. Houve quem protestasse. Um dos convivas, fidalgo moço e escolar de Coimbra, ergueu-se para me insultar em nome do pudor ultrajado d'uma mulher que era minha! — Perguntei-lhe ha quanto tempo lêra o Don Quixote. Repetiu o insulto: esbofeteei-o. Tirámos as espadas: feriu-me na cara. — N'essa mesma noite, Isabel Conti fugia com o escolar. — Vossas Reverencias, meus Padres, julgarão da suspeição allegada.

FREI MARCOS

A allegação fica nos autos. — Como se chama o escolar que o feriu?

D. JOÃO

Ruy de Sousa.

FREI MARCOS, *ao* CARDEAL

Vossa Eminencia deseja interrogar o preso? *(Depois de um gesto negativo do* CARDEAL, *dirigindo-se pelo olhar a um dos* MEIRINHOS) Conduza-o á sala do despacho. — *(Ao preso, que se curva respeitosamente e sáe pelo F., com dois quadrilheiros)* O notario irá lêr-lhe as suas declarações.

NOTARIO, *levantando-se e lendo*

Segundo co-réu. — Ruy de Sousa.

FREI MARCOS

Mande entrar.

O MEIRINHO, *abrindo a porta da D. alta e chamando*

Ruy de Sousa.

FREI MARCOS, *quando* RUY *entra, nobre e simples, com a capigorra e a volta branca dos escolares*

O seu nome?

RUY

Ruy de Sousa Albuquerque. Da casa do Arco.

FREI MARCOS

Escolar de Coimbra?

RUY

Escolar de cánones.—Vinte e sete annos.

FREI MARCOS

Foi já condemnado pelo Ordinario?

RUY

Não.

PROMOTOR, *apresentando-lhe o Evangelho*

Jura verdade e silencio?

RUY, *estendendo a mão*

Juro.

FREI MARCOS

Sabe porque foi chamado á mesa do Santo Officio?

RUY

Espéro ouvil-o de Vossas Reverencias.

FREI MARCOS

Conhece uma mulher de nome Isabel Conti?

RUY, *depois de um instante, olhando os* INQUISIDORES *e respondendo com a mais nobre firmeza*

Não.

FREI MARCOS

Não a conhece?

RUY

Não a conheço.

FREI MARCOS

E bateu-se por causa d'ella?

RUY, *sem se perturbar*

Bati-me varias vezes por mulheres que nunca vi.

FREI MARCOS

Mas viu esta.

RUY

Porque o affirma Vossa Reverencia?

FREI MARCOS

Porque se sentou com ella á mesma mesa.

RUY

Tenho-me sentado á mesma mesa com mulheres cujo nome ignoro.

FREI MARCOS

Tambem ignora o nome das mulheres com quem foge?

RUY, *encarando* FREI MARCOS *com dignidade*

Meu padre, — eu nunca fugi!

FREI MARCOS

Sabe que este Tribunal tem meios para arrancar as confissões que se occultam?

RUY

As que importam á defeza da nossa santa Fé.

FREI MARCOS

Todas.

RUY

Não aquellas que offendem a honra e o pudor alheio.

FREI MARCOS

Ha quanto tempo ceou em casa de D. João Pereira de Bourbon?

RUY

Ha tres meses. — Pela ultima vez.

FREI MARCOS

Não assistiu á ceia uma mulher?

RUY

Não me recordo.

FREI MARCOS

Não se recorda de ter arrancado a espada para defendel-a?

RUY

Se assim foi, — cumpri o meu dever de fidalgo.

FREI MARCOS

O que entende pelo seu dever de fidalgo?

RUY

O contrario do que Vossa Reverencia entende pelo seu dever de padre.

CARDEAL, *bruscamente, intervindo*

Porque feriu D. João Pereira pelas costas?

RUY

É falso, senhor Cardeal! — Mente quem o

affirmou! — Esse homem foi provocado cara a cara. — Feri-o na face. — Juro-o pela Ave Maria da minha espada!

CARDEAL

Confessa então que o feriu?

RUY

Confesso.

CARDEAL

Para defender Isabel Conti?

RUY

Para me defender a mim.

CARDEAL

Porque não confessa tambem que essa mulher lhe pagou, entregando-se?

RUY, *com dignidade*

Se essa moeda corre, — desconheço-a!

CARDEAL

Nega que viveu com ella em mancebia?

FREI MARCOS, *atacando*

Que lhe deu joias que herdou de seu pae?

CARDEAL, *atacando ainda*

Que Isabel Conti foi sua amante?

RUY, *com vehemencia*

Nego.

FREI MARCOS

Perante Sua Eminencia? Perante este Tribunal? Contra o que declarou a propria Isabel Conti?

RUY

Nego! — Não ha Tribunal nenhum, humano ou divino, que me obrigue a apregoar a deshonra d'uma mulher!

FREI MARCOS

Pela ultima vez, — ou será posto a tormento!

RUY, *de quem os leigos herculeos e o homem da gualteira vermelha se approximam*

Não! — Podem mandar-me atormentar, em nome d'uma Egreja que é mãe de misericordia! Não se abrirá a minha bocca! — Ainda que eu tivesse possuido essa mulher, ainda que ella fôsse um monstro de impureza, — o seu nome e o seu pudor eram sagrados para mim! — Tenho mãe, tenho irmãs que adoro e que são puras como a néve mais pura... Sei quanto vale a honra d'uma mulher! — Vamos, senhores Inquisidores! Desçam as cordas! Ponham-me a tormento! *(Estendendo os braços)* Aqui estão os meus pulsos!

CARDEAL, *a* FREI MARCOS, *emquanto os frades e executores, descendo a corda da polé, rodeam* RUY

Suspenda.

FREI MARCOS, *aos* MEIRINHOS

Levem o preso.

RUY

Foi pena, senhor Cardeal! — *(Sahindo, com altivez, pelo F.)* Senhores Inquisidores, — até bréve!

FREI MARCOS, *ao* NOTARIO

Quem se segue?

NOTARIO, *erguendo-se e lendo*

Terceiro, Frei Placido de Jesus, religioso no convento de S. Francisco.

FREI MARCOS, *baixo, ao* CARDEAL

O frade que forjou a carta.

NOTARIO, *continuando a lêr*

Quarto, Mossem Judas Navarro, christão-novo, joalheiro d'el-Rei Nosso Senhor.

FREI MARCOS, *ao* MEIRINHO

Mande entrar Frei Placido de Jesus.

CARDEAL

Não. — Mande entrar primeiro Mossem Judas Navarro. *(A* FREI MARCOS) Foi em casa do judeu que o frade conheceu Isabel Conti.

O MEIRINHO, *abrindo a porta da D. alta e chamando*

Mossem Judas Navarro.

JUDAS, *velho decrépito, ricamente vestido, dando a impressão do David Ryckaert de Van Dyck, tabardo castanho forrado de pelles sobre roupeta de setim pardo, gorra tambem de pelles, entra, a tremer, pela porta da D. alta, quasi arrastado pelos* MEIRINHOS.

Meus Padres! — Pelas divinas chagas do Nosso Salvador! — Não me façam mal...

FREI MARCOS

O seu nome?

JUDAS

Mossem Judas Navarro. — Christão, muito fiel christão. — Joalheiro d'el-Rei. — *(Trémulo, enclavinhando as mãos)* Padre Nosso, Ave Maria.

FREI MARCOS

Edade?

JUDAS

Setenta annos de pobreza, meus Padres.

FREI MARCOS

Professa a lei evangélica e a fé catholica de Nosso Senhor Jesus Christo?

JUDAS, *olhando de revez*

Missa todos os domingos, senhor Inquisidor. E jejuns a pão e água na Quaresma, Advento, sextas feiras de todo o anno, vigilias dos Apostolos e alguns santos meus advogados.

PROMOTOR, *apresentando-lhe o Evangelho*

Jura verdade e silencio?

CARDEAL, *observando* JUDAS *e percebendo-lhe um gesto de hesitação*

A mão sobre o Evangelho!

JUDAS, *pondo as pontas dos dedos sobre o livro, a medo*

Juro.

FREI MARCOS

Soffreu alguma condemnação pela curia secular?

JUDAS

Nunca! — Assim Deus me enriqueça, como eu nunca vi a vara de prata d'um juiz! — Nunca!

FREI MARCOS

Onde é a sua joalheria?

JUDAS

Ao Arco dos Prégos.

FREI MARCOS

Onde vive?

JUDAS

Na minha quinta d'Odivellas.

FREI MARCOS

Com quem?

JUDAS

Com tres creados.

FREI MARCOS

Ninguem mais?

JUDAS

Mais ninguem.

FREI MARCOS

Recebia algum frade em sua casa?

JUDAS, *abrindo muito os olhos*

Um frade de S. Francisco?

FREI MARCOS

De nome Frei Placido de Jesus.

JUDAS, *n'um grito*

Roubou-me! — Aqui d'el-rei! — Esse frade roubou-me!

FREI MARCOS

Roubou-lhe, o quê?

JUDAS

Joias! — Joias e uma mulher! — Era um franciscano. Estava a ares ali perto, na quinta dos marquezes de Arronches. — Roubou-me, senhores Inquisidores!

FREI MARCOS

Vivia em sua casa, essa mulher?

JUDAS

Mil cruzados! Valiam mil cruzados!

FREI MARCOS

Como se chamava?

JUDAS

Diamantes do Brazil, meus Padres!

CARDEAL, *atacando, enervado*

O nome d'ella?

JUDAS

Joias cravadas em Flandres, — como as que vendo a el-Rei Nosso Senhor!

CARDEAL

Não lhe pergunto pelas joias. Pergunto-lhe pela mulher.

JUDAS

A mulher pouco importa. O que eu queria era as joias.

FREI MARCOS

Chamava-se Isabel Conti?

JUDAS, *desconfiado*

Vossas Reverencias conhecem-na?

FREI MARCOS

Porque razão vivia Isabel Conti em sua casa?

JUDAS

Recolhi-a por caridade quando chegou a Lisboa.

FREI MARCOS

Ha quanto tempo?

JUDAS

Ha mais d'um mez.

FREI MARCOS

Já a conhecia?

JUDAS

De pequenina. — Era amigo do pae.

FREI MARCOS

Quem é o pae de Isabel Conti?

JUDAS

Já morreu. Era um lavrante italiano que trabalhava na minha joalheria.

FREI MARBOS

D'onde vinha essa mulher, quando a recebeu em sua casa?

JUDAS

De Coimbra, onde viveu teúda e manteúda de um escolar rico.

FREI MARCOS

Que a abandonou?

JUDAS

Ella é que lhe fugiu.

FREI MARCOS

Porquê?

JUDAS

Para vir para Lisboa, salvar o marido.

FREI MARCOS

Foi esse escolar que lhe deu as joias?

JUDAS

Joias de familia, meus Padres! Annéis e cruzes de diamantes, marcadas pelos melhores lavrantes de Hamburgo! — E ella levou-me tudo! Roubou-me, — e ainda me cravou as unhas na cara!

CARDEAL

Mas as joias eram d'ella.

JUDAS

Eram d'ella, — mas estavam de penhor na minha mão. E com o dinheiro que eu gastei para a manter, a ella e aos filhos, já deviam ser minhas! Já eram minhas com certeza! — Aqui d'el-rei, senhores Inquisidores! Ordem para o Guardião! Ordem para o reverendo Provincial! Mettam aquelle frade no Tronco!

CARDEAL

Mas quem lh'as levou? Foi a mulher ou o frade?

JUDAS

Não sei. Não vi. Tinha a cara a escorrer sangue... *(Com um risinho diabolico)* Mas, ao menos, d'ella estou vingado! *(As mãos trémulas, a face contrahida, no gesto de quem domina uma mulher)* Tive-a, senhores Inquisidores! — Tive-a!

CARDEAL

Isabel Conti foi sua amante?

JUDAS

Tive-a. — Paguei-me. — Valia as joias.

CARDEAL

Aos setenta annos!

JUDAS, *esquecendo-se de dissimular, no calor da paixão que o anima*

Aos cento e tres, o nosso Patriarcha

Abrahão... *(Cahindo em si e fazendo o signal da cruz)* Pater Noster! Pater Noster!

FREI MARCOS, *aos leigos e ao* MEIRINHO

Á sala do despacho! — Carreguem-n'o de ferros!

JUDAS

Mea culpa! Mea maxima culpa! (Aos INQUISIDORES, *sahindo arrastado pelo F.)* Pelas divinas chagas do Nosso Salvador! Não me façam mal...

CARDEAL

O frade! — Já!

NOTARIO, *lendo, emquanto o* MEIRINHO *abre a porta da D. alta*

Frei Placido de Jesus, religioso no mosteiro de S. Francisco.

CARDEAL, *mais baixo, ao* FAMILIAR *da cruz de Malta, que chamou n'um gesto e que se approxima*

Mande buscar ao carcere micer Antonio Gaspar.

FREI MARCOS, *a* FREI PLACIDO, *frade moço, robusto, sobrancelhas negras e espessas, que entra pela D. alta, vestido com o chiote de burel, o capello e as sandalias da regra*

O seu nome?

FREI PLACIDO, *altivo e um pouco rude*

Frei Placido de Jesus.

FREI MARCOS

No século?

FREI PLACIDO

Lopo de Menezes. — Filho bastardo do marquez d'Arronches.

FREI MARCOS

Edade?

FREI PLACIDO

Vinte e cinco annos.

PROMOTOR, *apresentando-lhe o Evangelho*

Jura verdade e silencio?

FREI PLACIDO, *estendendo a mão*

Juro.

FREI MARCOS

Ha quanto tempo entrou na religião de S. Francisco?

FREI PLACIDO

Aos quatorze annos.

FREI MARCOS

Foi alguma vez castigado pelos ministros da Ordem?

FREI PLACIDO

Fui.

FREI MARCOS

Com que penas?

FREI PLACIDO

Carcere de penitencia. — Prohibição de levantar no côro psalmo ou antíphona.

FREI MARCOS

Porquê?

FREI PLACIDO, *baixando os olhos*

Porque me accusaram de metter mulheres na minha cella.

FREI MARCOS

Porque razão estava fóra do seu convento?

FREI PLACIDO

Obtive do reverendo Provincial licença de ir a ares.

FREI MARCOS

Para onde?

FREI PLACIDO

Para a quinta de meu pae, em Odivellas.

FREI MARCOS

Morava perto de si um joalheiro, de nome Mossem Judas Navarro?

FREI PLACIDO

Morava.

FREI MARCOS

Vivia em casa d'elle uma mulher?

FREI PLACIDO

Vivia. — A mulher d'um mercador preso nos carceres do Santo Officio.

FREI MARCOS

Sabe o nome d'ella?

FREI PLACIDO

Isabel Conti.

FREI MARCOS

Conhecia-a?

FREI PLACIDO

Via-a, quando passava.

FREI MARCOS

Falava-lhe?

FREI PLACIDO

Atirou-se um dia aos meus pés, a beijar-me o escapulario e a pedir-me que lhe salvasse o marido.

FREI MARCOS

O que levou essa mulher a pedir-lhe o seu valimento?

FREI PLACIDO

Soube que o Prelado do meu mosteiro era confessor d'el-Rei e do Eminentissimo Cardeal Inquisidor.

FREI MARCOS

Que passos deu para valer-lhe?

FREI PLACIDO

Procurei o reverendo Guardião, pedi-lhe uma carta para Sua Eminencia, suppliquei, implorei. — Negou-m'a.

CARDEAL, *atacando, terminante*

E como lh'a negaram, forjou a carta que está junta aos autos. — Com que fim?

FREI PLACIDO, *perturbando-se*

Julguei que poderia ser util a essa mulher.

CARDEAL

Como, — se esse documento se reconheceria falso?

FREI PLACIDO

O reverendo Guardião raras vezes escreve pelo seu punho.

CARDEAL

E a assignatura?

FREI PLACIDO

Raras vezes assigna.

CARDEAL

E o sello do convento?

FREI PLACIDO

Podia tel-o obtido, se quizesse.

CARDEAL

Vossa Paternidade, forjando esta carta, só teve um fim: illudir Isabel Conti, fazendo-lhe crer que tinha nas mãos a salvação do marido.

FREI PLACIDO

Com que interesse, senhor Cardeal?

CARDEAL

Com o interesse da concupiscencia. — Para comprar favor com favor. *(A um gesto negativo de* FREI PLACIDO) Não o negue! — Os antecedentes de Vossa Paternidade compromettem-n'o. Foi condemnado a carcere e privação do côro por metter mulheres na sua cella. As informações dos ministros da Ordem dão-n'o como mau frade, relaxado e sensual.

FREI PLACIDO

Para que me vestiram este habito aos quatorze annos?

CARDEAL

Para servir a Deus, — não para o ultrajar!

FREI PLACIDO, *n'um repellão de revolta*

Antes me tivessem estrangulado no berço! — Amortalharam-me vivo n'este burel e deixaram-me todas as paixões e todas as fraquezas d'um homem!

CARDEAL

Não tem á cabeceira do seu catre as pontas de ferro das disciplinas?

FREI PLACIDO

A mocidade é bella demais, para que eu a afogue em sangue!

CARDEAL

Confessa que foi com a falsa promessa do valimento do Prelado do seu mosteiro, que Isabel Conti se lhe entregou?

FREI PLACIDO

Não o confesso n'esses termos.

CARDEAL

Confessa que forjou uma carta falsa

para comprar com ella a posse d'essa mulher?

FREI PLACIDO, *com sinceridade*

Quando a escrevi, não foi essa a minha intenção. — *(Estendendo a mão para o crucifixo)* Protesto-o perante aquelle Christo crucificado! — Tive a carta guardada muito tempo, sem pensar sequér em entregal-a a Isabel Conti.

CARDEAL

E que foi que o determinou a fazel-o?

FREI PLACIDO

Um acontecimento subito, — e uma brusca turbação dos sentidos, que é da natureza humana, e de que me arrependo á face de Deus. — Uma noite, sentei-me no archi-banco da minha estante, — precisamente para rasgar essa carta. — Ouvi gritos. Corri á porta. Entrou-me pelo quarto, desgrenhada, as mãos tintas de sangue, Isabel Conti. — Perguntei-lhe o que era. Contou-me, a tremer, em gritos dilacerantes, que Mossem Judas a fizera agarrar pelos creados para abusar d'ella. Transída de pavor, abraçou-

se a mim, supplicou-me que lhe valesse, que lhe fosse buscar os filhos, as joias, — que a levasse para longe d'aquelle homem. —O seio arfava-lhe d'encontro ao meu escapulario; o sangue, que lhe manchava as mãos, turbou-me a vista; cresceu dentro de mim um ímpeto de féra...—A carta estava sobre o archi-banco. Ella viu-a. Era a salvação do marido... *(N'uma voz abafada)* Foi a minha condição. — Foi o meu preço.

CARDEAL

Atirou-a para os carceres do Santo Officio!

FREI MARCOS, *aos* MEIRINHOS, *indicando* FREI PLACIDO

Levem-n'o.

FREI PLACIDO, *sahindo pelo F., com os quadrilheiros que o arrastam*

Possuí-a desmaiada. — Essa mulher está innocente. — O sacrílego fui eu!

PROCURADOR, *que acorda, deixando cahir o breviario*

Requeiro, como Procurador da ré, a publicação das provas de justiça.

CARDEAL, *ao* FAMILIAR *da cruz de Malta, que volta*

Mande entrar o marido de Isabel Conti, — micer Antonio Gaspar.

NOTARIO, *levantando-se e lendo*

Micer Antonio Gaspar, de trinta annos, mercador n'este reino e côrte.

O MEIRINHO, *abrindo a porta da D. alta*

Micer Antonio Gaspar.

PROMOTOR, *levantando-se, ao* CARDEAL

Este réu já foi interrogado. — Não contestou o libello de justiça. — Já sobre o feito se pronunciaram Vossa Eminencia e o reverendo Conselho Geral.

CARDEAL, *a* MICER ANTONIO GASPAR, *que entra pela D. alta, pallido, os braços cruzados, n'uma attitude nobre de soffrimento*

É o réu micer Antonio Gaspar?

ANTONIO

O proprio.

CARDEAL

Casado com uma mulher de nome Isabel Conti?

ANTONIO

De quem tenho dois filhos.—Peço a piedade de Vossa Eminencia,—para elles e para mim.

CARDEAL

Leia o reverendo Promotor os nomes dos presos que acabam de ser interrogados.

PROMOTOR, *levantando-se e lendo um papel solto*

D. João Pereira de Napoles e Bourbon, fidalgo de linhagem.—Ruy d'Albuquerque, da casa do Arco, escolar de Coimbra.—Mossem Judas Navarro, christão novo, joalheiro d'el-Rei Nosso Senhor.—Frei Placido de Jesus, no século D. Lopo de Menezes, religioso no mosteiro de S. Francisco.

CARDEAL, *a* ANTONIO

Conhece algum d'estes quatro homens?

ANTONIO

Não conheço.

CARDEAL

Nunca ouviu falar d'elles?

ANTONIO

Apenas de Mossem Judas, — vagamente.

CARDEAL, *com voluptuosidade, recostando-se na estalla*

Sabe se sua mulher os conhecerá?

ANTONIO

Não sei, senhor Cardeal. — Não eram da minha casa nem da minha privança. *(N'um tom de nobreza e de sinceridade)* Se são novas testemunhas no meu processo, supplíco a Vossa Eminencia, pelas chagas de Christo, que me despache com brevidade e me restitua a minha honra. Accusaram-me de ter feito, perante os syndicos dos mercadores de pannos da Hollanda, proposições heréticas contra o Dogma. Que podem saber, do meu pretenso delicto, homens creados em Portugal? E a que veem mais testemunhas,

meus Padres, se eu não contestei o libello da justiça, se eu peço a abjuração de léve e as penas espirituaes que Vossas Reverencias quizérem dar-me? — Já vae para quatro mezes que estou preso n'estes carceres, — com perda de saude e desamparo de minha familia e dos negocios de minha fazenda. — Peço a Vossa Eminencia, por caridade, que ordene despacho ao meu processo, que me deixe voltar para minha casa, beijar os meus filhos, abraçar minha mulher.

CARDEAL

Sua mulher não está em sua casa.

ANTONIO, *sem comprehender bem*

Minha mulher?

CARDEAL

Sahiu na propria noite da sua prisão. — Nunca mais lá voltou.

ANTONIO

Para onde? — Sahiu para onde, se eu não tenho outra familia, se eu não tenho mais ninguem?

CARDEAL

Está presa ha vinte dias nos carceres da Inquisição.

ANTONIO

Nos carceres? *(N'um grito)* Isabel! — Não bastava torturarem-me a mim! Tambem a ella a torturam! — Mas porquê? — E os meus filhos! — Onde estão os meus filhos?

CARDEAL

Ao cuidado d'este Santo Tribunal. — São levados, de tres em tres dias, ao carcere da mãe.

ANTONIO, *n'um soluço*

Mas que mal fez ella? Que culpa teve ella do meu delicto? — Juro a Vossa Eminencia, juro a Vossas Paternidades! Está innocente de toda a culpa! — Atormentem-me a mim, que sou homem e forte, mas poupem-n'a a ella!

CARDEAL

O crime de Isabel Conti é differente do seu.

ANTONIO

O crime? Mas que crime? — De que crime a accusam?

CARDEAL

D'um ultrage contra Deus e contra a sua propria honra!

ANTONIO

Contra a minha honra?

CARDEAL

Isabel Conti está processada por adultera e barregã de judeu e de clérigo.

ANTONIO, *n'um grito de dôr*

Ah! *(Com profunda revolta, estalando as palavras)* Não! — É falso! Falso! — Não pode ser! *(Apertando a cabeça nas mãos, desvairado)* Não me enlouqueçam, pela divina misericordia! — Não me enlouqueçam! — Ella é virtuosa e honesta, senhor Cardeal! Não me esfaqueava pelas costas! — Calumnia! Calumnia! — Mas quem foi que a calumniou? — Os nomes! Venham os nomes, senhores

Inquisidores! — Quem foi, que os quero marcar com um ferro em braza!

CARDEAL

Foi sua propria mulher que o confessou perante a justiça.

ANTONIO, *com a voz estrangulada*

Confessou?

CARDEAL

Ella e os seus cumplices na infamia e no sacrilégio! — Já lhes ouviu os nomes. — Pode lêl-os. *(Indicando o banco do* NOTARIO) Ahi os tem.

ANTONIO

Confessou porque a torturaram! — Como eu! Como todos!

CARDEAL

E vae confessal-o mais uma vez, na sua frente! *(Ordenando, aos* MEIRINHOS *e ao* FAMILIAR *da cruz de Malta, que sahem pela porta da E. baixa)* Mandem entrar Isabel Conti.

NOTARIO, *lendo*

Isabel Conti, de vinte e seis annos, casada.

ANTONIO, *a quem o* PROMOTOR
passa o papel com os nomes dos presos

Ah, covardes! *(Amarfanhando o papel nas mãos convulsas)* Não! Isto é um embuste! — Isabel! Isabel! — *(Desdobrando-o, n'uma agonia, e querendo lêr)* Mas que nomes são estes? — Eu não vejo! Eu não vejo senão sangue! *(Com desespero)* Padres! Antes a polé, antes a fogueira, antes a tortura, mil vezes, — do que este horror! — Queimem-me vivo — uma samarra, depressa! — mas tirem-me este inferno da alma!

ISABEL, *entrando pela E. baixa,*
em passos vacillantes, e amparando-se á columna
do meio da scena

Os meus filhos! — Dêem-me os meus filhos! — Senhor Inquisidor! *(Vendo o marido e atirando-se, n'um grito, para elle)* Antonio! Antonio!

ANTONIO, *repellindo-a brutalmente para a D.*

De largo!

ISABEL

Virgem Santissima!

ANTONIO

Que fizeste tu da minha honra?

CARDEAL

A ré confessa, perante seu marido, os crimes de adulterio e sacrilegio?

ISABEL, *n'um rugido*

Ah, não! — Antonio! — Não acredites! Aquelle homem mentiu!—Pela luz que nos alumia! Pela vida dos nossos filhos!—*(Para o* CARDEAL, *os punhos crispados)* Mentiu! Mentiu!

CARDEAL, *a* FREI MARCOS, *que faz signal aos* MEIRINHOS

Mande entrar os quatro presos.

ISABEL, *ao* CARDEAL, *crescendo para a archi-bancada*

Carrasco! Que a purpura que tu vestes seja tinta no teu sangue! — Ministros do Crucificado! — Assassinos! — Ladrões!

CARDEAL, *levantando-se, a* ISABEL, *quando os quatro presos surgem ao F.*

Agora, — negue perante os seus cumplices!

ISABEL, *erguendo os braços, n'um grito, e cahindo desamparada*

Inferno!

ANTONIO, *querendo arremessar-se para* ISABEL, *as mãos convulsas no gesto de a estrangular, mas sendo dominado pelos quadrilheiros e pelos leigos de S. Domingos, que a um signal de* FREI MARCOS *o arrastam pela D. alta*

Cadella!

FREI MARCOS, *erguendo-se*

Está encerrada a audiencia, reverendos Padres. — *Laus Deo.*

Os Deputados levantam-se e começam a sahir pelo F., depois de se curvar diante da imagem de Christo. — Ouve-se, de novo, o sino do paço dos Estáos. — ISABEL *fica estendida no lagedo.* — *O* PROCURADOR *dorme na sua estalla.*

CARDEAL, *ao* MEDICO,
que ajoelha junto de ISABEL *e lhe colloca a mão sobre o coração*

Vive?

O MEDICO

Vive. *(Baixo, ao* CARDEAL, *quando dois leigos se approximam para levar o corpo)* Para os aposentos de Vossa Eminencia?

CARDEAL, *junto de* ISABEL,
olhando-a pela sua luneta d'oiro e ordenando, depois de um gesto de hesitação

Para o carcere do marido.

Desce um panno talão com as armas do Santo Officio

2.º QUADRO

Sobe o panno talão. — Um carcere. — Ao F., porta esconsa. — Á E. e ao alto, fresta gradeada por onde entra luz. — Mesa de castanho, tosca; banco. — Ao F. direita, uma enxerga. — Ouvem-se ainda, no sino, as ultimas badaladas.

ANTONIO, *gritando, n'um desespero, os braços erguidos d'encontro á porta do F.*

A tortura! — Antes a tortura! — Abram-me esta porta! — Covardes! *(N'um soluço)* Isabel! *(Vindo cahir sobre o banco, n'um choro convulso)* E eu não enlouqueço! — E eu vivo! — E o sangue lateja nas minhas veias!

VOZES, *fóra, depois d'um momento de silencio, emquanto se ouve correr os ferrolhos da porta do F.*

N'este carcere. — Por ordem de sua Eminencia.

O MEIRINHO, *apparecendo ao F., com dois leigos, no corredor de abobadas, e atirando* ISABEL, *como um farrapo, para dentro do carcere*

Para ahi.

ISABEL, *cahindo, n'um grito estrangulado*

Piedade!

ANTONIO, *avançando para* ISABEL, *n'um rugido, quando a porta se fecha e o* MEIRINHO *desapparece*

Ah!

ISABEL, *depois d'um silencio curto, erguendo-se a meio e olhando* ANTONIO

Mata-me!

ANTONIO

Santos Inquisidores! Foram caridosos comtigo. — Tiveram a misericordia de te poupar á fogueira. Mandaram-te morrer ás minhas mãos! *(Crescendo para ella, no gesto de a estrangular)* Mas não. Quero ouvir-te primeiro. — Antes de te estrangular, quero ouvir-te. *(Baixo, n'uma voz rouca)* Porquê? Porque foi? Porque deshonraste tu as minhas lagrimas? Porque me mataste? Porquê? — Pois nem os ferros d'este carcere te moveram á piedade? Não me achavas já bastante desgraçado?

ISABEL, *n'uma expressão quasi tranquilla*

Mata-me, pelo amor de Deus.

ANTONIO

Foi por devassidão que rolaste de leito em leito? — Dize! — Como poude enganar-me seis annos a mentira da tua virtude? *(Agarrando-a, sacudindo-a violentamente e atirando-a para o lagedo do carcere, como um corpo morto)* Olha para mim. — Responde-me. — Rameira!

ISABEL, *prostrada, n'um murmurio*

Os nossos filhos tinham fome.

ANTONIO

Mentes! — E os nossos bens, e as minhas fazendas, e todas as riquezas que te deixei nas mãos? Não bastavam para lhes dar de comer?

ISABEL, *dolorosamente*

Meu pobre Antonio!

ANTONIO

Era preciso venderes-te para os nossos filhos terem pão?

ISABEL

Tu ainda não sabes todo o mal que nos fizeram!

ANTONIO

Não confundas na tua vergonha a innocencia de duas creanças!

ISABEL

Roubaram-nos tudo, Antonio.

ANTONIO

Mentes!

ISABEL

Os nossos bens foram sequestràdos.

ANTONIO

É falso! — Sequestrados por quem?

ISABEL

Pelo Santo Officio.

ANTONIO

Pelo Santo Officio? *(N'uma angustia)* Não! Não pode ser!

ISABEL

Na noite da tua prisão. — Roubaram-nos tudo, sim, Antonio...

ANTONIO

Os meus bens!

ISABEL

Depois de te levarem, disseram-me que já nada era nosso, que os nossos bens pertenciam á Inquisição. — Sellaram-nos as portas...

ANTONIO, *cahindo sobre o banco*

Deus do céu!

ISABEL, *de rastos, aos pés de* ANTONIO

Enxotaram-me de casa, com os nossos filhinhos, como se enxota uma leprosa. — Tudo, roubaram-nos tudo. — Pedi, supplíquei. Nem uma joia para comprar pão. — O que eu passei, Antonio! — De noite, na escuridão, a fugir como uma doida, a ensanguentar-me nos tojos, a cahir nas pedras, a suffocar com beijos o choro dos

meus filhos... *(N'um soluço)* Ah! Se tu soubesses! Se soubesses que horror é ver chorar um filho com fome, sentil-o estremecer de frio, enregelado, d'encontro ao nosso peito! — Pedi esmola... Escorraçaram-me. — Roubei. Prenderam-me. — Os meus filhos choravam... Vendi-me. *(Cobrindo a cara com as mãos)* Oh, meu Deus! — Vendi-me.

ANTONIO

Porque não os mataste, antes? — Eu soffria menos!

ISABEL

Não tive força. Não tive coragem. — Depois, fui de miseria em miseria, de violação em violação... Não houve affronta que o meu pudor de mulher não soffresse. — Não ha burel de mortalha que esconda a minha vergonha. — Estou perdida, Antonio! *(N'uma supplica)* Pelo amor que me tiveste, pelo primeiro beijo que nós démos, — mata-me. Morrerei a abençoar-te, a beijar as mãos que me estrangularem. — Se ha alguma compaixão por mim na tua alma, suffoca-a, pelo amor de Deus. — Não tenhas pena. — Que outra doçura posso eu sentir ainda, senão a de morrer por ti? — Isto é

lodo, meu amor.—Deixo-te os nossos filhos. Se elles perguntarem pela mãe, dá-lhes o meu ultimo beijo, dize-lhes que morri para os salvar, depois de ter morrido mil vezes de vergonha...

ISABEL *chora, a face sobre os joelhos de* ANTONIO, *que soluça, n'uma convulsão. — A porta do F. abre-se durante as ultimas palavras de* ISABEL: *apparece na soleira* FREI MARCOS, *o capuz descido sobre os olhos, seguido do* NOTARIO *e do* FAMILIAR *cavalleiro de Malta, que traz as duas creanças.*

O FILHO, *ouvindo a voz da mãe e correndo ao seu encontro*

Mãe! — Mãe!

ANTONIO

Filho! — Meu filho!

FREI MARCOS

O preso micer Antonio Gaspar.

ANTONIO, *apertando o* FILHO *d'encontro ao peito, cobrindo-o de beijos e de lagrimas, emquanto á* FILHA, *a tremer, se abraça á mãe*

Filhos da minha alma!

FREI MARCOS

Por ordem de Sua Eminencia o Cardeal Inquisidor, são-lhe entregues os seus filhos e vae ser-lhe lida a sua sentença.

O FILHO, *estremecendo á voz de* FREI MARCOS *e aconchegando-se ao pae*

Pae! Tenho medo!

NOTARIO, *desenrolando e lendo um papel com o sello do Santo Officio*

«Accordam os Inquisidores e Deputados do Santo Officio que, vistos os autos e culpas dos réus micer Antonio Gaspar, de trinta annos, mercador, e Isabel Conti, de vinte e seis annos, sua mulher, accusado o primeiro de ter feito, na Hollanda, proposições contrarias aos dogmas da Santa Egreja de Roma, e a segunda de ter consummado adulterio com judeu e clérigo; sendo o réu micer Antonio suspeito de heresia com suspeita leve e pura contricção e arrependimento de seus peccados; e havendo-se, por conclusão das provas de justiça, que a ré Isabel Conti foi compellida á pratica de seu crime e escandalo por força e violencia: o que tudo bem visto

e querendo usar de summa misericordia: *Christi Jesu nomine invocato:* julgamos e declaramos os réus restituidos á sua liberdade, depois de feita pelo primeiro abjuração de léve, e com confiscação para a justiça e camara real de todos os bens que lhe foram sequestrados. — Dada em Lisboa, aos XII dias de março, sob nosso signal e sello. — Ego, Laurentius, notario, a escrevi. — Frei Marcos. — Frei Jeronymo. —Ambrosius, doctor.»

ISABEL

Livre!

FREI MARCOS, *a* ANTONIO

Tem alguma allegação a fazer, a bem da justiça e da sua consciencia?

ANTONIO, *com o* FILHO *estreitado ao peito*

Tenho de pedir a Deus contas da minha honra! — Tenho de perguntar a Vossa Reverencia em que texto sagrado está escripto que Deus manda roubar! — Tenho de pedir-lhe a esmola do seu escapulario negro para amordaçar a fome dos meus filhos!

ISABEL

Antonio! — Salva-te ao menos tu! — Que ha de ser d'estas creanças!

ANTONIO, *quando* FREI MARCOS *sáe com o* NOTARIO *e o* FAMILIAR

Se eram só os meus bens que a Inquisição pretendia, porque me torturaram tanto? — Nas florestas de Hespanha não ha purpuras de cardeal, não ha murças de S. Domingos, — e rouba-se com mais caridade!

ISABEL

Deram-nos a liberdade e a vida, porque era o maior tormento que nos podiam dar! *(N'uma profunda expressão de dôr)* O nosso lar é um montão de ruinas. Estamos perdidos um para o outro. — Que vamos nós fazer agora?

ANTONIO

Viver.

ISABEL, *emquanto* ANTONIO *caminha para o F.*

Para quê, na miseria e na deshonra?

ANTONIO

Para nos vingarmos da maldade humana.

ISABEL

Como, se estamos opprimidos e pobres?

ANTONIO, *abraçando o* FILHO, *n'uma expressão ao mesmo tempo de rancor e de esperança*

Creando este filho — para Inquisidor!

Cáe o panno

FIM